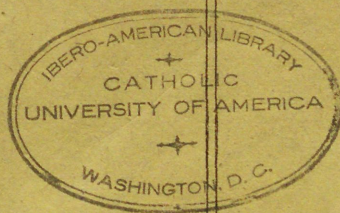


18
Dr. Aprigio Guimarães

NUNES MACHADO

ENSAIO DRAMATICO



RECIFE

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL

1874

No
4 dias

REPUBLICA ARGENTINA

GOBIERNO NACIONAL



ESTADO

LIBRE

JUSTO

Este trabalho é dedicado a todos os brasileiros que
querem conhecer a história da nossa pátria;
e que não se contentam com a leitura dos livros
de história que se encontram nas escolas e nos
livrarias.

NUNES MACHADO

O autor é um dos mais importantes historiadores
da nossa pátria. Ele tem escrito muitos livros
sobre a história do Brasil, e seus trabalhos
são muito apreciados por todos os brasileiros.
Este trabalho é dedicado a todos os brasileiros
que querem conhecer a história da nossa pátria;
e que não se contentam com a leitura dos livros
de história que se encontram nas escolas e nos
livrarias.

Este trabalho é dedicado a todos os brasileiros que
querem conhecer a história da nossa pátria;
e que não se contentam com a leitura dos livros
de história que se encontram nas escolas e nos
livrarias.

Estou resolvido a correr todas as vicissitudes, a que por ventura possa ser levada esta bella provincia; e NEM DUVIDO OFFERECER MINHA VIDA, si tanto for preciso, para salvar Pernambuco das desgraças que lhe estão propinquas.

(Manifesto de Nunes Machado, aos 18 de Novembro de 1848.)

O maior, e o mais infeliz ou o mais feliz de todos elles... Nunes Machado! Já não fallo de suas virtudes privadas. Quem não lhe ouviu as palavras tristes e propheticas, sobre a sorte que aguardava a sua chara provincia? As approximações da morte lhe davam a visão do futuro... Quem não sabê da carta escripta, já do campo, á esposa ausente, e onde lhe contava o sacrificio e a resignação?

(J. F. Lisboa, *Discurso* na assembléa do Maranhão, aos 12 de Novembro de 1849.)

Só á razão é dado chegar á liberdade, que faz o merito das acções... Para ser feliz é mister ser virtuoso... O povo mais moralizado e mais intelligente será sempre o mais livre.

(Do *Socialismo*, por Abreu e Lima.)

70

9697

.4845

1874

NUNES MACHADO

ENSAIO DRAMATICO

PELO

DR. APRIGIO GUIMARÃES

NATURAL DE PERNAMBUCO

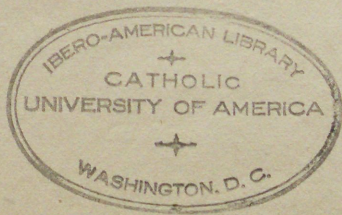
(PROLOGO, 3 ACTOS, QUADRO FINAL)



RECIFE

—
TYPOGRAPHIA COMMERCIAL

—
1874



NUNES MACHADO

EST. DO BRASIL

1874

Dr. Affonso Coutinho

Propriedade do Autor.—Não poderá ser representado,
em parte alguma do Brasil, sem sua expressa licença.

EST. DO BRASIL

(PROLOGO, 3 ACTOS, QUADRO FINAL)



6397.


RECIFE

TIPOGRAPHIA COMMERCIAL

1874


AOS MEUS FILHOS

CELSO, ELIAS, HILDEBERTO



À CIDADE DE GOIANNA

BERÇO DO HEROE



AO

CLUB POPULAR PERNAMBUCANO

PQ

9697

.G845

1874

LOS MEUS FILHOS

CELSO, ELIAS, HILDEBERTO

A CIDADE DE GOIÂNNA

BERÇO DO HERÓE

AO

CLUB POPULAR PERNAMBUCANO

PERSONAGENS DO PROLOGO

- Nunes Machado..... (38 annos)
 Lucinda..... (25 annos)
 Laura..... (17 annos)
 Jeronymo d'Athayde
 Freitas de Barros..... (28 annos)
 Manoel Caetano..... (academico de Olinda)
 Bento Bittencourt..... (idem)
 João Sabino..... (homem do povo)

PERSONAGENS DO DRAMA

- Nunes Machado
 General Abreu e Lima (53 annos)
 Coronel João Paulo (45 annos)
 Coronel João Roma (50 annos)
 Jeronymo d'Athayde
 Freitas de Barros
 João Sabino
 Lucinda
 Laura

Homens do povo—Soldados das linhas da revolução.

PROLOGO : O LEÃO POPULAR.
 PRIMEIRO ACTO : A CHEGADA.
 SEGUNDO ACTO : A PARTIDA.
 TERCEIRO ACTO : O MARTYRIO.
 QUADRO FINAL : A VOZ DO FUTURO.

Prologo : na rua da Cadeia do Recife, noite de 8 de Dezembro de 1847, casa de Jeronymo d'Athayde.

1.º *acto* : casa de Nunes Machado, à rua do Cabugá, aos 17 de Novembro de 1848, dia de sua chegada de volta da côrte.

2.º *acto* : mesma casa de Jeronymo d'Athayde, aos 30 de Dezembro de 1848, vespera da partida de Nunes Machado para os acampamentos da revolução.

3.º *acto* : sobrado no largo da Soledade, aos 2 de Fevereiro de 1849, nove para dez horas da manhã.

Quadro final : na estrada de Belém, em frente à Capella, no mesmo 2 de Fevereiro, cerca de meio-dia.

DUAS PALAVRAS

Desde muito trago acceso o desejo de acordar os gloriosos echos d'esta terra em que nasci ; e tenho procurado trabalhar, vencendo as minhas fraquezas, e muitas outras difficuldades...

O que, porém, nunca me passou pela mente, foi escrever um drama, eu, que nunca ensaiei sequer uma scena dramatica, eu que apenas fiz versos dos 15 aos 20 annos, e que versos !...

Aos 27 de Novembro de 1873, em minha thebaida de João de Barros, conversava eu com os meus jovens amigos, dr. João Baptista Regueira Costa e Demetrio Acacio de Albuquerque Mello, minhas constantes visitas, e que eu tanto aprecio : são duas boas intelligencias, uma quasi afogada em ondas de excessiva modestia, e a outra querendo arrojarse e faltando-lhe as azas do estudo, que a sorte assim o quiz... E eis o caso.

Fallava-se, como fallamos sempre, em assumptos da patria, especialmente em assumptos de Pernambuco : para mim é como que a continuação da longa vida com o meu saudosissimo Torres Bandeira, o meu mestre em litteratura, o meu amigo de todos os dias, quasi meu irmão...

Porque não se hão de fazer os dramas de assumpto nacional ? — Eis o ponto da conversação. Eu dizia que sim, que deviam ser feitos, que era pena que não esti-

vessem feitos, e mil outras abundancias das minhas conversas intimas... Pegaram-me pela palavra, os traidores!...

—E porque não começa?—Ora! eu que nunca fiz uma scena dramatica!—Fará, porém, um drama, si quizer... —Vocês são uns lisongeiros, ou uns amigos cegos: Torres Bandeira morreu sem começar a sua tragedia *Frei Caneca*, e dizia-me sempre, que dos generos litterarios o dramatico é o mais difficil...

—Ensaie sempre, agora que é tempo de ferias... continuaram elles rindo-se; e eu não percebi, que já me conhecem muito, que já sabem de minha pertinacia, quando me acontece gastar uma hora, ou uma tira de papel, em qualquer commettimento do meu officio... Traidores! queriam que eu começasse, e contavam com o resto: atraçoaram-me em regra.

—Só si fosse Nunes Machado... cahi eu em dizer.—Optimo assumpto! bradaram juntos...

E foi correndo a conversação, e alli mesmo fui traçando os actos, o prologo, o quadro final, tocou-se a trombeta, compareceram os mortos, etc.

Quiz acudir ao desvario, e cortei a conversação dizendo-lhes:—Pois vocês não vèem, que tudo é gracejo, que eu não vou agora, depois de velho, fazer ensaios de grande risco?

Riram-se, e mudaram de assumpto : os traidores bem me viam no laço...

No outro dia appareceram-me :—E o Nunes Machado ? —Ora, esqueçam-se d'isso...

Fingiram não ouvir a resposta, e foram insistindo sobre a *conversa de hontem*, uma idéa para aqui, outra para alli, e eu com elles... Foram desapiedados com a minha fraqueza! —Ora... trace qualquer cousa, ainda que seja só para nós... E voltaram d'ahi a dous dias, e depois tres dias seguidos, e sempre fallando em Nunes Machado, e eu a rabiscar, e a deixar-me levar por elles... até que a 25 de Fevereiro d'este anno li o drama em um circulo de artistas e de amigos, no theatro de S. Antonio...

A razão porque escrevi, é a mesma porque deixei ensaiar o drama, é a mesma porque o dou á imprensa.

Eis toda a historia d'este meu atrevimento : leve-a na conta a critica discreta e cavalheirosa, á qual darei submissamente as minhas razões, si o meu trabalho merecer-lhe a attenção.

Sei que este meu ensaio nada é sob o ponto de vista litterario ; mas, talvez o ponto de vista historico me attenne a pena aos olhos dos juizes competentes...

Si assim for, e não me faltar o tempo, *Domingos Theotônio*, *Frei Caneca*, *Pedro Ivo*, e outros, servir-me-hão de assumpto para novos peccados d'este genero.

Fique eu esquecido, porque muitos vieram depois e fizeram muito melhor, e esta será para mim a melhor das recompensas.

Sítio em João de Barros, 10 de Abril de 1874.

MAIS UMAS LINHAS

Homero, consultando o grande livro da natureza, provavelmente o unico que poude ler n'esses velhos tempos, fez um poema, que será o modelo eterno do genero epico. Escriptores laboriosos estudaram Homero, e por elle quizeram traçar as regras da arte, que foi o primeiro a cultivar, chegando logo á perfeição — regras superfluas para os genios, e estéreis para os outros: pois, nas artes de imaginação, as regras só servem para os que teriam podido invental-as, ou antes descobril-as; e melhor teria Bacon dito d'ellas, do que das *causas finaes*, que são — virgens que não concebem.

Aviso aos eternos falladores de regras dramaticas, e de tudo o que respeita ao theatro, pela razão (uma razão como qualquer outra) de que têm comprado muitos bilhetes, e assistido a muitos espectaculos.

Aquellas palavras são do visconde de Bonald, um escriptor severissimo, um grande pensador, que admirarei sempre, embora muita vez rejeitando as suas conclusões; e que suscitar-me-ha, no assumpto que me está debaixo da penna, algumas das reflexões que vou submeter ao leitor, sem a minima pretensão de fazer escola, pois me conheço discipulo mal principiado, e que nunca será acabado.

Não quiz eu fazer um drama: nem só por falta de alentos, sinão tambem porque não devia querel-o, pois o drama da revolução de 1848 ainda não pode ser feito — o drama historico, como eu o entendo, respeitando os typos e os costumes, sobriissimo de anachronismos, abrindo espaço á imaginação sómente quanto baste para colorir os painéis. Ora, si n'um dos campos de 1848

a morte já ceifou quasi todos os grandes vultos, no outro ainda vivem as figuras mais eminentes.

Achei feito na historia provincial um episodio dramatico : apenas coordenei-o. Ou antes : pretendi fazer a biographia do meu heróe sob a forma dramatica ; e talvez um dia me proponha a demonstrar, que os traços principaes ahi estão, bem ou mal. Por agora, fico attento á critica de sciencia e consciencia, rindo-me da outra...

Diz Aristoteles, que o heróe do drama não deve ser nem de todo bom, nem de todo máo, isto é, deve ser homem por suas paixões, e heróe por sua virtude. Fui feliz : no heróe pernambucano achei a incarnação da regra de Aristoteles ; e procurei pintar Nunes Machado com as suas paixões, e o seu patriotismo — a mais excellente das virtudes do homem publico.

Ter-me-hiam comprehendido ?...

Ha no drama uma parte, que chamarei a *mechanica do dialogo*, talvez pouco importante aos olhos de muitos, e que sempre me pareceu uma difficuldade immensa, para quem, como eu, nunca ensaiou o estylo n'este genero. Quero crer, que ainda n'este ponto são gravissimos os defeitos do meu *ensaio* ; no entanto, fiz recordações das minhas leituras de Racine, o mestre do dialogo, no conceito de Bonald : do dialogo, que consiste em um personagem respondendo ao outro, e não em um personagem fallando depois do outro.

E basta por este lado : esperarei melhor oportunidade.

Concluirei, confessando o que aliás está aos olhos de todos : o meu fim foi despertar o brio patriótico-liberal. Si o vulto de Nunes Machado, mesmo assim mal desenhado, excitou a admiração, ainda bem, que estou pago de sobra ; si não... falta-me o animo de concluir.

«Sempre que uma obra dramatica produz sobre os homens reunidos uma impressão notavel, convem indagar a causa, por bem das letras, e da sciencia dos costumes ; porque a admiração não é um sentimento voluntario ou facticio, e sim gera-se em nós, e máo grado nosso, por uma secreta conformidade do objecto que a determina, com o modo geral de pensar e de agir.»

.....
 O somno de Pernambuco será o somno da morte? Não creio. O Brasil em geral está em quadra de baixo-imperio? Tambem não creio.

Não ha poder para encadear a alma de um homem, quanto mais a de um povo !

João de Barros, 12 de Abril de 1874.

NUNES MACHADO

PROLOGO

O LEÃO POPULAR

Noite de 8 de Dezembro de 1847. — Sala de um sobrado na rua da Cadeia do Recife (hoje do Marquez d'Otinda). — Festa no Arco da Conceição, rua illuminada, susurro constante de muito povo agglomerado, até que rompa o motim popular ; ouve-se, com pequenos intervallos, uma musica marcial, que deve tocar um tanto ao longe, de sorte que as scenas corram naturalmente. — A sala modestamente mobiliada, com arcos festivos, flores, etc. : um piano aberto, e livros de musica. — Ao levantar do panno, Lucinda e Laura em um sophá, como trazendo de longe uma conversação : Lucinda com vestido ou fitas verdes, e Laura com fitas encarnadas.

SCENA I

Lucinda e Laura

LUCINDA

Ora, minha Laura, has de ser sempre uma criança... Não tens razão. Eu devia nascer muito mais tarde, quando os homens, e mesmo as mulheres, fallassem muito menos, ou nada, em fragilidade feminina ; quando todos, homens e mulheres, fallassemos sómente em nos-

sa... fragilidade. E' como te digo, Laura : os homens fazem-me rir... N'essa luta dos dous sexos que por ahi vai, mostram por vezes um homem dominando algumas mulheres ; e eu poderia mostrar a todo o momento muitas mulheres dominando cada uma muitos homens... e ás vezes que mulheres ! Convenção, moda, ficção, e foram dizendo fragilidade feminina, como quem diz fortaleza masculina : figuras de rhetorica exigidas pela convivencia da chamada boa sociedade, que tem muito de pessimo. Os homens ostentam, e nós não : eis todo o segredo. A tal fragilidade feminina é como a inviolabilidade dos reis ou a santidade dos papas, uma pura convenção : vê o pai de Lucrecia Borgia e o cadafalso de Carlos I, vê Joanna d'Arc e Carlota Corday, e dize-me si não tenho razão. Pela minha parte desprezo tanto um Luiz XV como uma Dubarry...

LAURA

Mas, Lucinda, todos dizem e escrevem o contrario do que estás dizendo...

LUCINDA

Argumento dos pobres d'espírito, minha Laura : é grande o numero dos que dizem porque os outros dizem, e escrevem porque os outros escrevem ; mas, é maior o dos que não fallam, nem escrevem, e resta ainda o pequeno grupo dos que fallam e escrevem com reflexão. Tambem no tempo de Galileo todos diziam que a terra estava parada : todos... menos os que estavam calados por medo das fogueiras. N'isto de fragilidade feminina, como em tudo, deve-se levar em conta os que não fallam. Vê a historia do paraizo terrestre : qual dos dous foi o fragil ? Mesmo a julgar pelas pompas da imaginação de Milton, a resposta é por mim. Si Milton foi tão fragil...

LAURA

Pois minha irmã, será defeito de organização... mas, eu sinto-me fraca, e tenho medo dos homens.

LUCINDA

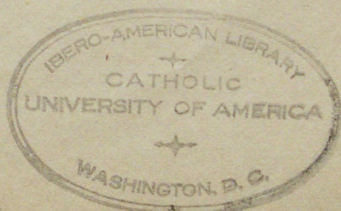
(*Com animação*) Pois eu não ! Hei de olhar sempre para um homem como de igual para igual, pelo menos... Não me reputo uma folha secca da arvore da humanidade, que deva cahir ao primeiro sopro masculino. Os teus receios... (*Com volubildade*) Dizes que os livros me enfraqueceram ; e eu digo-te, que por elles fiz-me fortaleza, fiz-me legião. Podes rir-te, como de costume ; podes chamar-me legiôa, que sempre te acho graça. Não temas por mim, minha doce irmã, que eu sei dizer sem medo, a ti e a todos, o nome de Nunes Machado ; teme antes por ti, minha innocente (*Abraçando-a*) que só amas a Deus, e a teu pai, e a tua Lucinda... (*Como quem occulta um pensamento*).

LAURA

Fias de mais, Lucinda, em dous dedos de força d'animo que Deus te deu. Em nós, n'estes assumptos do coração, resolve-se tudo n'uma palpação espasmodica, n'um sorriso delirante, n'uma lagrima, n'um grito de prazer ou pezar. Havemos de ser sempre a mulher, que Deus assim escreveu-nos na alma e na fronte...

LUCINDA

E achas pouco ? E entendes bem o que estás dizendo?... Pois o nosso pai Adão teve espasmos e delirios e lagrimas : foi tão grande ou tão pequeno como a sua Eva, si é que esta não foi a maior. Deixa os poetas-philosophos e os philosophos-poetas : somos iguaes, homem e mulher — iguaes na essencia, iguaes na magestade da missão mundana, embora os caminhos não sejam sempre os mesmos. Como se pode comprehender uma metade menor que a outra metade ? Não quero a mulher-homem, mas tambem não quero a mulher-anonyma. N'esta questão falta muito para dizer-se a ultima palavra ; mas, ha de ser dita, que o mundo anda...



LAURA

Não alcanço as tuas alturas, irei respondendo á tua cabeça com o meu coração...

LUCINDA

Espera : é outra da epoca, que falla pela tua bocca. Quando a mulher pensa, fica aleijão, vai-se-lhe o coração. Dizem isto os homens, Laura, porque nós não sabemos retorquir-lhes :— «E vós, quando sentis, perdeis a cabeça, ficais idiotas ? Não pode um grande coração, e um coração assim é sempre sensibilissimo... não pode um grande coração aviventar uma grande cabeça ? Não pode uma grande cabeça governar um grande coração ?» *(Com vivacidade)* Tristes doutrinas estas, minha Laura ! Fazem-me descreer do futuro social !

LAURA

Talvez tenhas razão, Lucinda ; não quero, nem posso discutir contigo. Mas, para mim é certo, que passou o tempo das Saphos e Aspasia, das Armidas e Clorindas ; e que os homens de hoje...

LUCINDA

Sempre no mesmo terreno... Eis-te em pleno pessimismo ! Pois não vês, que o pessimismo é uma invenção dos pessimos, para encobrirem a sua pessimidade ? Tartufos de nova especie ! E' como si dissessem, parodiando o nosso Magalhães :—«Tudo está profanado ! Impera o vicio e o crime ! Oh vós todos que passais, parai e vêde, si ha por ahi um homem, que tenha as virtudes do homem que vos falla ! » Noés de baixa comedia ! Parece que o diluvio é amanhã, e que elles, modestas creaturas ! fallam da porta da arca, de mão na chave... Mascaras ! Imposturas carnavalescas ! Em sua essencia a humanidade d'hoje é a mesma de todos os tempos...

Sei que és da escola de *Paulo e Virginia*, minha Laura... Ora, dize-me: n'esse parzinho eternamente poetico, qual dos dous foi o fragil?

LAURA

Basta, Lucinda! Eu que te amo, como teria amado minha mãe, tenho ás vezes medo de ti...

LUCINDA

(*Agitada e ternamente commovida*) O que, Laura! Medo de mim, que por ti daria a vida!? (*Com a voz chorosa*) E' que a felicidade não se fez para mim...

LAURA

(*Desfarçando a commoção*) E um simples gracejo de irmã quebrou as armas varonis de Joanna d'Arc! (*Em tom de gracejo*) Oh força da mulher! O que serás tu nas outras, si és tão fraca na valorosa Lucinda?! (*Mudando de tom, compondo as fitas e affagando os cabellos de Lucinda*) Tinha que ver, si n'esta noite de festa ficavamos agastadas...

LUCINDA

(*Amimando as mãos de Laura*) Criança! Natureza privilegiada, que se aquece a um tenue raio do sol, quando outras pedem um braseiro! Que resume o céu n'um sorriso trocado, quando outras com a sêde de Tantalo...

LAURA

Mudemos de assumpto, Lucinda. Porque não me contas hoje o promettido segredo? Deves saber que a mulher é curiosa...

LUCINDA

Não sabes o que pedes: não é mudar de assumpto, é continuar... Mas enfim, tinha de ser um dia, seja hoje que é o dia da Virgem. Contando-te hoje a tua e

a minha historia, abro-te a minha alma. Nem sei por onde comece... (*Pausa e um certo enleio*) Dize-me, Laura, já pensaste no que é ser uma engeitada?

LAURA

Tu me assustas, minha irmã!

LUCINDA

Li não sei onde, ou sonhei... Creio que sonhei (*). Era n'um lugar de perdição, n'uma athmosphera de morte moral, em que hauria a vida uma alma de anjo; era n'um mixto de trevas e phosphorescencias diabolicas do vicio, onde ardia o cirio bento d'uma virgindade de mulher, onde pendia um limpidissimo espelho, que os anjos resguardavam de reflectir as tristes scenas que se passavam derredor... Era uma engeitada que corria o mundo, na companhia do seu anjo da guarda, em busca... nem ella sabia de que!... Um dia entrou um ebrio, um Don Juan que ama as flores que se escondem, só porque se escondem... E a pobresinha chorava nas mãos do ebrio, que lhe prendia a trança, e zombava do seu pranto...

LAURA

Tu me assustas, Lucinda! Que historia é essa?

LUCINDA

E' e não é, pode ser e não ser a minha historia... Uma engeitada que se humilha, uma engeitada que ergue a frente, é sempre uma engeitada! Uma engeitada que

(*) Procura-se encobrir o anachronismo: são os traços da Guimar do Sr. Thomaz Ribeiro, no seu *D. Jayme*: o que n'este opema se diz da engeitada, é o que de melhor e de mais poetico se tem escripto sobre o assumpto, no pobre conceito do autor d'estas linhas.

chora, e uma engeitada que fere, si lhe prendem a trança, é sempre uma engeitada! (*Lucinda tem fallado com extrema agitação: ao fazer menção de ferir, Laura estremece, e suffoca um pequeno grito. E Lucinda continua mudando de tom*) Não te assustes, minha Laura... Bem vêes que não tenho ferro, nem me prendem a trança...

LAURA

(*Receiosa e tremula*) Mas, isso que dizes, Lucinda... Si adivinhei... Oh! Pois tu não és minha irmã?!

LUCINDA

(*A custo e sustendo as lágrimas*) E uma engeitada pode responder a perguntas como essa? (*Com transporte violentissimo*) Oh! maldito o pai! maldita a mãe!... (*Suspendendo-se e ameigando a falla*) Perdoai-me, Virgem santissima... Quem sabe?... A miseria... a honra... o interesse... (*Cobrindo o rosto com as mãos*) Oh! é horrivel, meu Deus!

LAURA

(*Abraçando-a chorosa*) Pois tu não és minha irmã?

LUCINDA

E uma engeitada pode responder a perguntas como essa? E' pura questão de datas: conforme as datas, todo o homem pode ser meu pai ou meu irmão, toda a mulher pode ser minha mãe ou minha irmã. Oh! o inferno desta duvida só eu posso comprehendel-o! (*Em delirio affectuoso*) Si sou tua irmã?... Pelo coração nem sei o que te sou, pois tudo te quero ser, affrontando até impossibilidades de mais de um genero... Sou teu irmão, teu pai, teu noivo! Sou para receber a ponta do punhal que te ameaçasse... e até mesmo, filha da minha alma, (*Apertando-a nos braços*) a deshonra que te estivesse imminente! Agora dá o nome que quizeres á engeitada...

LAURA

(*Beijando-a freneticamente*) Pois ha engeitadas no mundo, Jesus da minha alma?... Ah! não te acredito, Lucinda; és, has de ser sempre a irmã do meu coração... Si para mim não vens de meu pai e de minha mãe, vens de Deus, e has de ser sempre minha irmã!

LUCINDA

(*Com um sorriso triste*) Creio, minha doce irmã: e só Deus pode pagar-te o balsamo d'essas palavras... Já agora saberás tudo, para que nunca mais duvides da pureza de meus cultos a um homem de grande coração, a esse Nunes Machado, para quem todos olham...

LAURA

Por tal motivo, até me offendes...

LUCINDA

(*Sentando-se com Laura, e affagando-lhe a mão*) Escuta. Onde nasci não sei: é ainda segredo de teu pai, si é que elle o sabe. Cresci no regaço de tua mãe, e diz-me teu pai, que fui sempre uma menina entre viva e contemplativa, de risos significativos e conceitos severos, muito fóra do commum na minha idade... Provavelmente cegueiras de teu pai, que muito me quiz sempre; mas, elle diz isto. Tinha eu oito annos, quando, n'um dia como o de hoje, fui levada por teu pai ao quarto de tua mãe moribunda. Eramos nós, e tu, nascida de oito dias, que alli dormias tranquillamente... (*Chorando e abraçando-se á Laura*) Ah! Laura, porque Deus não levou-nos com ella?... «Lucinda, disse-me tua mãe com a voz desfallecida; Lucinda, minha filha pelo coração, juras que serás sempre mãe e irmã d'aquella filha de minhas entranhas?» Aquella distincção entre filha e filha, fez-me passar pelos olhos uma nuvem negra...

«Juro» disse eu, e beijei a mão de tua santa mãe, que n'esse momento dava a alma a Deus. Teu pai revelou-me o segredo n'esse dia, porque, diz elle, era preciso aproveitar a flexibilidade da alma da menina, pois a da mulher podia quebrar-se ao furacão de tão dura verdade, que mais tarde ou mais cedo devia revelar-se. Faça contigo o que elle fez comigo, mas não lhe digas nada...

LAURA

Minha pobre Lucinda! Minha querida irmã!

LUCINDA

Já não soffro por isso, filha. Uma engeitada, mãe d'esta filha, da filha d'aquella santa mãe e do nosso generoso pai, uma engeitada assim é uma mulher feliz, que acha logo no principio da vida a mais nobre das missões. (*Affectando tranquillidade e desfarçando um sorriso constrangido*) Não tenhas pena de mim, Laura: sinto que não desejaria mais, si fosse filha de rei, e vivesse nos paços de meu pai.

LAURA

E o teu coração de moça? Devo eu acceitar, podes tu fazer-me um sacrificio, que se me afigura impossivel?

LUCINDA

(*Sorrindo tristemente*) E' o resto do meu segredo, que tambem te confiarei. Ainda não podes bem comprehender: por muitos caminhos se vai ao céu do amor, sem curvar a cabeça... Infeliz da mulher, si não fosse assim!

SCENA II

**Os mesmos, Jeronymo, Manoel Caetano,
Bento Bittencourt**

JERONYMO

(*Entrando com os dous academicos : Bittencourt traz gravata e collete verdes*) Ainda sós, minhas filhas, e nove horas dadas... Parece que hoje nos esqueceram os poucos amigos desta casa. (*Lucinda e Laura beijam a mão de Jeronymo, e comprimentam os academicos.*)

LUCINDA

Nem tanto assim, meu pai, pois que vindes tão bem acompanhado.

JERONYMO

Por pouco tempo, Lucinda, que elles hão de estar compromettidos para alguma partida de jogo, cousa tão pouco do gosto de vocês ambas.

M. CAETANO

E' gracejo de seu pai, minhas senhoras. Prefiro a tudo os bons amigos d'esta casa.

LUCINDA

Meu pai jurou intrigar-nos com os snrs. drs. Digo tambem por minha vez, sr. M. Caetano, é gracejo d'elle. Conheço o meu lugar em negocios com as creaturas do sexo forte : (*Com ironia mal desfarçada*) o jogo é a corôa da boa educação, do bom gosto, e até da boa sciencia... (*Dirigindo-se á Laura*) Os homens, Laura, á excepção destes dous snrs., são vaidosos até o ponto de pretenderem a nossa admiração para os seus defeitos. Para o geral d'elles o que somos nós? Umhas pobres

creaturas, que perdemos o siso ante os nadas que elles aprendem nos romances, e nos deixamos captivar até pelos talhes das suas casacas...

B. BITTENCOURT

(*Para M. Caetano*) Dou-te procuração, Manoel, des-envolve-te : desconfio que a pontaria é para ti.

LUCINDA

(*Rindo-se*) Ora, o snr. dr. Bento sempre com as suas malignidades bahianas...

M. CAETANO

No tribunal da snra. d. Lucinda, deixarei sempre á velia a minha causa.

B. BITTENCOURT

Não negas que eslás no quinto anno : fazes decanias em toda a parte.

LAURA

Cá por mim não entro em questões.

JERONYMO

(*Rindo-se*) Fazes bem, minhã filha. E tu, Lucinda, sempre de lança em riste contra os homens, estás em risco de escreverem que és tia, lá nos corredores de s. Bento.

M. CAETANO

Oh ! snr. Athayde, pois seriamos capazes... ?

B. BITTENCOURT

(*Em tom de parodia*) Oh ! snr. Athayde, pois o Manoel seria capaz... ?

LUCINDA

Qual!... Nunca!... O snr. dr. M. Caetano, que traz sempre na bocca um texto do Evangelho, é homem sempre da verdade. Ha de ter escripto com o charuto apagado, ha de continuar a escrever para matar o tempo, e quebrar a monotonia d'aquellas immensas paredes; mas, não haja duvida... sempre a verdade. Não escreverá que sou tia; escreverá que sou mãe... de minha Laura.

M. CAETANO

E' inexoravel a snra. d. Lucinda. Só uma resposta mais demorada... Vou libertar-me de um compromisso, e em dez minutos voltarei.

B. BITTENCOURT

Bates em retirada, Manoel ?

M. CAETANO

Esqueceste a nossa promessa? Devemos uma desculpa á familia do dr. Accioli, que nos espera.

B. BITTENCOURT

E' verdade. Breve estaremos de volta: chegaremos a tempo de ver d'aqui o fogo. Fico de fiador por este seu prisioneiro, snra. d. Lucinda.

LAURA

Eu sabia: vão correr a via sacra, que o dia é bom.

M. CAETANO

O snr. Athayde foi prevenido por mim: não queriamos subir.

JERONYMO

Sem cerimonia. Dar-nos-hão prazer, si voltarem.
(*Sahem os dous academicos.*)

SCENA III

**Nunes Machado, Jeronymo, Lucinda e
Laura**

JERONYMO

(*A Nunes Machado que entra*) Oh! meu caro desembargador, já não o esperavamos...

N. MACHADO

(*Com a volubilidade e modos francos do seu trato habitual*) Meu Jeronymo, o viajante do deserto tem sempre na mente o oásis... Robespierre nunca faltou á visita do seu jardim... (*Apontando para as duas moças*) Não são tuas e minhas aquellas flores, meu bom amigo? (*Fallando á Laura*) E o beijo do costume? (*Fallando á Lucinda*) Estará tomando ainda mais ao serio o seu papel de mãe, snra. d. Lucinda?

LUCINDA

Sempre alegre e expansivo, snr. desembargador, sempre dominando das suas alturas... (*Laura tem se aproximado a N. Machado, que beija-lhe a testa*) O snr. acaba de responder a si mesmo.

N. MACHADO

E vou agora responder á snra., que sempre me eleva, penso eu, para ter o gosto de precipitar-me de mais alto... Pode gabar-se de ser a mais terrível das Lucindas, que tenho encontrado... (*Voltando-se para Jeronymo*) Como vai a tua festa?

JERONYMO

Parece que não vai bem: nota-se uma certa agitação na população...

N. MACHADO

Ahi vens tu, com a tua linguagem e as tuas falsas apprehensões de guabirú frenético. (*Começando a exaltar-se*) Pois seriamente achas que nós os praeiros somos a praga desta terra? E eu posso morrer amanhã, e morrerei descansado na sentença do futuro.

JERONYMO

Mas, os factos, meu amigo...

N. MACHADO

(*Exaltado*) População! População! Era a gente do Christo nas ruas e praças de Jerusalem! Era o exercito de Camarão e Dias contra o batavo! Era a onda revólta de 1789, a vomitar as liberdades do mundo moderno! Era a phalange da nossa independencia! Era o batalhão sagrado do 7 de Abril!... População! E tu e eu, Jeronymo, o que somos? Já transfundiram-te o sangue azul dos fidalgos?

JERONYMO

Attenda-me, desembargador...

N. MACHADO

(Em crescente exaltação) Populaça ! E em que tom se vai dizendo isto na terra do Brasil, terra da America !... Ah ! Jeronymo... Desgraça das futuras gerações brasileiras, si essa populaça de que fallas for um dia açaimada !... Depois dos desatinos de uma populaça de nova especie... não os desatinos generosos das ruas, que são sempre os vapores de uma grande idéa que ferve na immensa caldeira popular, e sim os desatinos vis e hypocritas das salas e ante-camaras, que são sempre as exhalações empestadas de torpes ingredientes nos cadinhos da especulação e do egoismo... não de uma populaça que ergue-se hoje, e amanhã senta-se tranquilla e feliz na trepeça da sua pobreza, e sim de uma populaça agaloada e titulada e corrompida até os ossos, para quem o povo é pura carne de cadeia, de recrutamento e de impostos... ah ! Jeronymo ! depois dos desatinos d'essa arraia miuda de chamados grandes, ha de haver muita lama, e depois muito sangue !...

JERONYMO

Meu caro amigo, sei o que ha de grandeza e generosidade em sua alma ; mas, penso que o seu espirito entusiasta exagera as cousas, e que as tendencias de seu partido são muito perigosas.

N. MACHADO

(Como quem não tem ouvido, e como que obedecendo ao impulso da idéa que o domina na occasião) Populaça !... Oh ! eu hei de morrer com a populaça das ruas, mil vezes mais fidalga do que a populaça do orçamento, do que os vampiros do dinheiro, do sangue, e, o que é mil vezes peor ! dos brios do povo... *(Senta-se, e prosegue um tanto meditativo)* Terra de Pernambuco ! terra em que nasci ! patria dos verdadeiros herões, os herões que morrem, ou jogam partidas em que se pode morrer !

Terra de Pernambuco, o que pretendem fazer de ti?! Hei de trabalhar, hei de dar o meu sangue, para que não te façam um sudario do manto das tuas glorias... Para que serve a vida, sinão para serviço de uma grande idéa? Diz-me o coração, que não assistirei ao teu funeral, infeliz Pernambuco; mas, do seio de Deus verei a tua resurreição, que a liberdade sempre teve o seu terceiro dia...

JERONYMO

Mas, attenda-me, desembargador: serão as constantes agitações, que farão a felicidade do povo?

N. MACHADO

(Levanta-se) Um povo que não se agita, é um povo que não vive. A praça publica é o salão do povo: não tem outro para tratar os seus negocios... Vejo, meu Jeronymo, fallas como todos os teus, a linguagem é uma só. *(Começa a exaltar-se, e vai crescendo a exaltação)* Em nome de uma ordem hypocrita, a paz do cemiterio! Politicos do deus Termo! Insanos! que pensam encravar a roda do carro popular, quando o povo é a arteria maxima da vida da humanidade! Independencia, monarchia, « quero já », tudo... tudo fazia-se hontem pelo povo e para o povo. E hoje? Tudo começa a ser despreso pela multidão, e está requerendo direito de cidade o sophisma do governo pelo rei e para o rei, pela côrte e para a côrte... O que serás n'um proximo futuro, Brasil aristocrata, aristocrata-caricato na terra santa da America?! E tu, meu Pernambuco, o primogenito da liberdade brasileira, o que será de ti, que és o maior dos criminosos no tribunal dos inimigos da liberdade?... Vejo a onda do absolutismo, que se levanta... E se este partido praieiro succumbir, has de vel-o, Jeronymo... has de ver eliminado o elemento popular, has de ver o leão do norte, o berço de Caneca e Theotonio, has de ver o nosso Pernambuco tremulo como um velho, cambaleando como um ebrio que bebeu pelas taças da corrupção... Has de vel-o, eu não!... que hei de lutar

até morrer... si em terra, atirando com ambas as mãos a poeira de Graccho .. si no mar, involto na bandeira da liberdade, que é a unica mortalha digna dos almirantes da honra pernambucana ! (*Tem chegado ao cumulo da exaltação : uma exaltação tempestuosa e pacifica ao mesmo tempo ; a exaltação de uma alma generosa, que quer o bem da idéa, sem o mal de pessoa determinada ; de um coração, que nunca teve uma gotta de fel contra o proximo.—Lucinda, que até então ouvira como que absor-ta, levanta-se.*)

LUCINDA

Nem n'um dia de festa, snr. desembargador ! Sempre a maldita politica...

N. MACHADO

(*Já outro, com o riso mais jovial, e sem a minima agi-tação*) Sra. Joanna d'Arc, não se finja afflicta, que a snra. não tem medo de fogueiras d'inglezes ; e com seus olhos de Armida é capaz de fazer dous Tancredos...

LUCINDA

Tregoa á modestia, si me dá licença : esta Armida, tal qual o snr. a vê, não podendo fazer um Tancredo verdadeiro, jámais faria Tancredos de carregação, que aliás não faltam por ahi.

N. MACHADO

(*Dirigindo-se á Laura*) Tenha cautella com esta sua irmã, que é louca pelas alturas, e diz que nunca ha de ter vertigens...

LAURA

Faço o que todos devem fazer, quando o inimigo é forte : abraço-me á Lucinda, e vou com ella.

N. MACHADO

(*Voltando-se para Lucinda*) Tranca-me todas as portas... Dizem que eu posso muito n'esta terra... Queria eu que todos vissem (*apontando para Lucinda*), perdoem-me a má comparação, queria eu que todos vissem este omnipotente Nunes Machado da casa de Jeronymo d'Athayde... (*Ha um susurro na rua: Jeronymo e Laura vão á varanda.*)

LUCINDA

(*Em tom repassado de indefinivel tristeza*) Não é o snr. Nunes Machado um homem como os outros, e bem sabe que a omnipotencia da mulher cifra-se n'uma lagrima ou n'um sorriso... Um ai de dor ou de prazer, eis tudo!

N. MACHADO

(*Commovido, e querendo tomar-lhe a mão*) Minha Lucinda...

LUCINDA

(*Arrebatadamente*) Não continúe, snr... (*Reprimindo-se*) Ah! perdoe-me... Nem eu sei como lhe falle... Sabe quem tem a culpa? A grandeza que se ostenta na sua palavra e no seu gesto. Si adivinhou...

N. MACHADO

Desde muito, Lucinda; e juro-te, que ninguem como eu ha de comprehender o que ha de divindade em ti...

LUCINDA

Pois eu fio a minha guarda, tudo o que sou, á grandeza de sua alma.

N. MACHADO

(*Apaixonadamente*) Dá-me este momento, Lucinda: é o primeiro, e talvez seja o ultimo... Desde muito és a

imagem suavissima por entre as lidas cruéis da minha vida... Podes articular uma queixa?... Pois assim será até o fim, eu te juro! e diz-me o coração, que o fim não está longe... Viveremos como até hoje, sempre dignos de um sentimento que ainda não achou nome na pobre linguagem humana. Em tudo me fere a calumnia... Si soubessem, Lucinda, o meu sacrificio a teus pés... Sim! morrerei sendo para ti um homem acima dos outros: nada mais quero. Entre nós dous a muralha da nossa mutua admiração... e não a transporemos! Tenho fé por mim, e principalmente por ti. Descança.

LUCINDA

(Estendendo-lhe a mão, que elle beija respeitosa-mente)
Mil vezes obrigada! Eu tinha medo, e agora tenho a coragem, que me inspira a sua grande alma. A minha Laura, e o seu nome glorioso, snr. desembargador: a engeitada não tem mais o que pedir a Deus! *(Laura e Jeronymo voltam da varanda.)*

JERONYMO

Pois é justamente no dia da nossa festa, que o piano está mudo?

N. MACHADO

E' que d. Lucinda estava a brigar comigo... Estou quasi em acreditar, que tambem para ella, como para todos, não passo de um doudo.. Ora vamos, d. Lucinda: Puritanos, Guilherme Tell, qualquer cousa que seja a historia das grandes lutas da liberdade por notas de musica. Já agora quero ser doudo em regra, até em piano e canto. Sou um doudo, eu conheço: chego a pensar que um verdadeiro liberal, rindo ou chorando, embalando o filho ou abrindo-lhe o primeiro livro, fazendo os juramentos á noiva ou respondendo às caricias da esposa, na sciencia, nas artes, em tudo, ou perante Deus ou perante os homens, é sempre o sacerdote sacrificando à deosa. Já disseram, que ha theologia em tudo: eu digo, que ha li-

berdade em tudo. Sou um doudo : diga, snra. d. Lucinda, que eu tambem digo ; diga, mas vá para o piano. (*Lucinda senta-se ao piano folheando as musicas, e junto a ella Nunes Machado.*)

SCENA IV

Os mesmos e Freitas

FREITAS

Cheguei a tempo, pois cheguei à hora do piano (*Faz cumprimentos, trocando apertos de mão.*)

LUCINDA

Diga isso à Laura, que ella ha de acreditar . . . Bem sei, que chegou fóra de tempo. O snr. prefere a mil pianos e a cem mil Lucindas «os altos negocios da patria» (*accentuando*): Pollux está preso aqui por «cavalheirismo», e Castor não pode entrar com elle nas «interminaveis combinações» . . .

N. MACHADO

Deixa passar, Freitas ; é contigo e comigo. Vale a pena ser alfinetado pela mais gentil figura do epigramma, que os nossos olhos têm visto e hão de ver . . . Nada de sophisma, snra. d. Lucinda, faça fallar o seu piano. (*Neste momento cessa a musica marcial ; levanta-se um grande susurro popular ; ouvem-se brados :— Viva Nunes Machado !—Fóra guabirús !—Viva Chichorro !—Viva o partido praieiro !—Abre-se o clarão de um grande fogo de artificio, atacado a um tempo ; ouve-se grande estrepito de lampêões quebrados a pedradas. Todos vão á varanda, menos N. Machado e Lucinda, que conservam os seus lugares.*)

LUCINDA

Não haverà um meio termo, snr. desembargador, entre a paz do cemiterio e esta bulha constante ?

N. MACHADO

Haverà, Lucinda, quando estiver firmado o imperio da lei igual para todos, quando for uma verdade a independencia do Brazil, quando pudermos dizer, sem ridiculo, que somos um povo livre. *(Levanta-se com Lucinda, e vão á varanda. Laura e Freitas entram. Continuam os brados e o susurro, ora mais, ora menos.)*

LAURA

Ha um não sei quê a dizer-me sempre, snr. Freitas, que aquelle Nunes Machado é o seu anjo mão.

FREITAS

(Com certa animação e tom de queixa) Não me repita isso, minha Laura... Alli, n'aquelle grande coração...

LAURA

(Interrompendo) Não se zangue. Sei a sua devoção pelo desembargador, e tambem sinto uma influencia estranha à vista d'elle, que parece tão differente dos outros homens... Eu queria dizer... Ah! snr. Freitas, tenho tanto medo... Um negro presentimento me diz, que nas ondas levantadas por aquelle grande verbo de homem, como diz Lucinda... tenho até medo de acabar!... que n'essas ondas vos afogareis vós ambos...

FREITAS

Vãos terrores, minha Laura ; o tempo te mostrarà.

SCENA V

Os mesmos e João Sabino

JOÃO SABINO

(*Fatigado*) O snr. desembargador ?

N. MACHADO

(*Voltando da varanda com Lucinda e Jeronymo*) O que ha lá por junto do Arco, João ? O que houve para este desaforo ?

SABINO

Não sei, snr. desembargador : penso que foi o snr. Borges Mendes nas suas raivas constantes contra os portuguezes : de nada têm valido as suas reprehensões, snr. desembargador. Atacaram o fogo de uma vez, ainda estão quebrando a iluminação, e fallam de arrombar as portas. O dr. Ivo mandou dizer que só o snr. desembargador...

N. MACHADO

(*Visivelmente contrariado*) Vai já, dize a Borges Mendes que estou aqui, vai. (*Sabino sahe, e N. Machado continúa, como que esquecido do lugar em que está*) Maldita vida esta minha ; mas, não terão força para inutilisar-me, para deshonnar-me ! Saberei morrer um dia ; mas, nunca saberei ser chefe de salteadores ! Não se renovarão as scenas de 26 e 27 de Junho estando eu vivo, e aqui ! (*Dirigindo-se precipitadamente á varanda*) «Povo pernambucano...» (*Immensos brados—Viva Nunes Machado!—cobrem-lhe a voz*) «Pernambucanos, meus patricios...» (*Repetem-se os brados e o tumulto redobra.—N. Machado entra encolerizado*) E assim abafam-me a voz, e assim pretendem desacreditar-me, fazendo-me de instrumento... Oh ! hei de dar-lhes uma lição de mestre !...

Vem comigo, Freitas, vamos ver Antonio Affonso. (*La sahir arrebatadamente, quando dá com os olhos em Lucinda e Laura*) Agora sim, d. Lucinda (*já em tom de plena jovialidade*), agora sim, não perca a occasião de dar uma lição á sua filha : explique á innocentinha da Laura, que está tremendo, como eu sou um selvagem, um cabeça de motim, e como Deus me castiga privando-me de Guilherme Tell n'aquelle piano e por suas mãos. Não poupe a sua eloquencia ; mas, levante barricadas, que eu já volto a responder-lhe. Fico de fiador d'esta casa, e deixo á porta João Sabino. Não te tranques, Jeronymo : hão de respeitar as varandas, em que me viram. Até já. (*Sahe, seguido por Freitas, que aperta a mão de Laura. Esta muito assustada, e Lucinda tranquilla e risonha.*)

SCENA VI

Jeronymo, Lucinda e Laura

JERONYMO

Não deve ser boa esta noite. Vejo extrema exaltação no povo.

LUCINDA

Ora, meu pai, o desembargador é o Moysés d'essa gente : leva-a para onde quer. D'aqui a pouco estará de volta.

JERONYMO

E's d'uma confiança, d'uma coragem, filha !... E si aquelles Israelitas se rebellarem ?

LUCINDA

A terra se abrirá para os audazes, e Moysés irá seguindo com os outros.

JERONYMO

Vê, porém, que o Moysés da Biblia não chegou á terra promettida...

LUCINDA

Mas apontou, e o seu povo lá entrou. Tenho fé n'aquelle homem : si não chegar, apontará.

JERONYMO

Decididamente a revolução franceza estragou-te a cabeça....

LUCINDA

Póde ser que eu soffra da cabeça, meu pai, mas é pelas revoluções pernambucanas, pelos Theotonios e Canecas, Romas e Nicolaus, por toda a veneranda dynastia de cadafalso de Pernambuco... Pode rir-se : sou pernambucana até em revoluções, e não conheço mais gloriosas do que as nossas. Saiba que me sinto capaz de exame vago sobre 1710, 1817, 1821 e 1824. (*Jeronymo ri-se*) Ria-se, meu pai, mas guarde segredo... Uma mulher patriota !... Já foi honra, hoje é ridiculo... Teriam pena de mim, aquelles de quem tanta pena tenho...

LAURA

Lucinda, no caminho em que vai, é capaz de sentar praça. Tenha cuidado, meu pai.

JERONYMO

Tens razão, Laura. Não fossem as suas graças senhores, e eu diria que n'ella houve engano de sexo: tem tudo de um revolucionario.

SCENA VII

Os mesmos, Manoel Caetano e B. Bittencourt

M. CAETANO

Eis-me de volta, açoutado pelas trovoadas seccas e doudices de Nunes Machado.

LUCINDA

(*Rindo-se*) O snr. M. Caetano vem asyklar-se, e vingasse do medo que teve, chasqueando de Nunes Machado, que tanto o respeita (*Com ironia*). Porque não o animou, snr. dr. Bento? Bem se vê, que o snr. dr. M. Caetano nasceu para a igreja: é homem todo de paz.

BITTENCOURT

Não te corriges, Manoel!... Pois não sabes ainda, que, pela constituição d'esta casa, o inviolavel e sagrado é Nunes Machado?

M. CAETANO

(*Um tanto confuso*) Mas, eu fallei de doudices... em politica.

LUCINDA

E está dito... Tambem é de homem da igreja: fóra da igreja não ha salvação, isto é, fóra do confessorario e do mais que se segue, toda a occupação é ociosa. Como vai tudo! Então isso de politica é cousa de nonada, snr. Manoel Caetano? E', não haja duvida: eu bem sei o que dizem e pensam e sentem os «sensatos», a cada canto. Em fallando-se politica, historia para rir, não ha preto nem branco: pode-se dizer tudo de um homem, não ha bom nem máo, virtude nem vicio. Classes e no-

ções confundidas, Babel em pleno Brasil... Pois acho esse um máo caminho para os padres, snr. M. Caetano...

BITTENCOURT

(A M. Caetano) Como não viverás arrependido, Manoel, de tuas «faceirices sacerdotaes» ?

LAURA

Não graceje em cousas sérias, snr. dr. Bento : o snr. dr. M. Caetano disse, está dito. Ha de ser o padre no seu casamento e de todos os seus collegas.

M. CAETANO

São todos contra mim...

JERONYMO

(Rindo-se) Menos eu, dr. Esteja tranquillo, que sou do partido da igreja.

M. CAETANO

(A' Lucinda) Deve ter comprehendido, minha snra., que foi um simples gracejo para vêl-a zangada, para aguçar-lhe o epigramma. De politica opposta, sei respeitar a nobreza d'animo do desembargador. Si assim não fôra, faltaria eu à cortezia para com todos, até para com o «bahianissimo» Bento, discipulo de Voltaire, praieiro de quatro costados, que traz verde a gravata e verde o collete, como verde e mais verde e archi-verde é a côr de d. Lucinda... (Jeronymo ri-se) Perdeu a partida, minha snra., que seu pai está rindo-se...

BITTENCOURT

Nem tanto assim, Manoel, que d. Lucinda sempre te obrigou a uma confissão de respeito ao desembargador ; creio que ella não queria, nem quer, de ti outra cousa.

(A *Jeronymo*) O Manoel confessando-se, é um acontecimento, S. Athayde. Affirmo-lhe que elle está a cem leguas de ser devoto d'este mandamento da igreja, elle que vai ser padre... Sem duvida não se confessa nunca porque um dia ha de querer confessar os outros uma vez por semana. (A *M. Caetano*) Affirmo-te que esta minha rasão é como qualquer outra; procura, e com certeza ha de estar nos livros da companhia.

JERONYMO

A luta é contagiosa, não haja briga tambem por aqui.

M. CAETANO

Impossivel, Sr. Athayde. Creia que isto em mim é só para ver, como por entre as graças de d. Lucinda lhe brota fervida a palavra partidaria, como lhe esvoaçam as fitas verdes, como se transfigura ella no ultimo Abencerrage feminino do praeirismo em Pernambuco. (*Jeronymo e Laura vão á varanda.*)

LUCINDA

Madrigaes de sacristia, Sr. M. Caetano... E a proposito: é notavel que o verde, a côr amiga de todos os olhos, offenda os seus. Pois é pena! Nunca será um Rodin, pela falta dos oculos verdes; mas, em compensação será um optimo Bernis, assim depare com uma Pompadour...

M. CAETANO

Piedade, «senhora minha»! como diziam os antigos cavalleiros portuguezes... E' expressão que sahe mais rapida, e sóa melhor do que o nosso cadenciado «minha senhora»...

LUCINDA

O que é nascer fóra de tempo, snr. M. Caetano! Esse seu achado no genio da lingua, revela-o todo inteiro, e a sociedade de que o reconheço digno representante...

N'aquelles tempos de «senhora minha» os cavalleiros faziam-se padres algumas vezes ; hoje, nestes tempos de «minha senhora», os padres fazem-se cavalleiros todos os dias : quando se fallava rapido, a sinceridade ; hoje que se falla cadenciado, a dissimulação. Ah ! snr. Manoel Caetano, (*Sempre com ironia*) que mundo de revelações em um pronome antes ou depois ! Como ante essas cousas minimas se confunde a sabedoria humana ! Communique, dr., communique sem demora a sua descoberta ao padre Miguel e ao vigario Barreto : dizem que vai tão mal a nossa lingua...

BITTENCOURT

E' tempo de intervir, snr. Athayde : faça como o Brasil ha de fazer ainda por longos annos no Rio da Prata. O pobre do Manoel já não pôde sustentar a espada...

JERONYMO

(*Fallando da varanda*) Essas é que são as trovoadas seccas, de que falla o dr. M. Caetano : não me dão cuidados. (*Bittencourt vai á varanda.*)

M. CAETANO

(*Em tom grave*) Fui o provocador, snra. d. Lucinda, confesso...

LUCINDA

Confesso, dr... é um termo de sacerdote : sempre com geitos de padre. Decidida vocação a sua, snr. M. Caetano !

M. CAETANO

(*Embaraçado*) E' de mais, snra. d. Lucinda, não lhe mereço o que me faz.

LUCINDA

(*Com riso constrangido*) Não o entendo.

M. CAETANO

Não creio : a mulher menos perspicaz lê livros inteiros nos olhos e gestos de um homem...

LUCINDA

(*Rindo-se abertamente*) Meu Deus ! que eloquencia montanhosa produz a sua Olinda, snr. M. Caetano ! O snr. por força aprendeu isso nas obras do padre Coelho... Si fosse verso, eu diria que o snr. plagiava o poeta Negreiros, ou o não menos celebre Justino Fagote... Veja que os seminaristas, os «formigões» na lingua dos snrs. academicos, não saibam d'essa sua ecclesiastica declaração d'amor...

M. CAETANO

(*Transportado*) E' muito escarnecer, e muito cruelmente ! A snra. bem sabe, que aqui... (*Levando a mão ao coração*)

LUCINDA

(*Interrompendo e ironica*) Representa Othelo ou Tufu ?

M. CAETANO

Represento a sinceridade d'uma alma apaixonada.

LUCINDA

(*Severa*) Grande é o seu futuro, snr. M. Caetano, porque será um refinado jesuita !

M. CAETANO

(*Ironico*) Tambem mudarei de tom, que a medida transborda... Repito com a snra. : fraqueza da sabedoria humana !... O impossivel no que ainda não é padre, e o possivel no que ainda não é viuvo... E' a minha vez...

LUCINDA

(*Perturbada*) Entramos em pleno capitolo dos enigmas...

M. CAETANO

(*Sempre ironico*) Um enigma, que falla, e ri-se, e entra, e sabe, e faz-se da casa, e até... harena a ás multidões...

LUCINDA

(*Tremula de indignação e resoluta*) Entendo, vejo o alcance da sua injuria cobarde! E' grande esse alcance, mas fica ainda muito longe do meu desprezo pelo snr... Entendo!... Mas, errou o alvo. Onde me viu, ha de ver-me sempre, e firme! Só adiantou, sabe o que? O que me parecia impossivel, depois das suas miserias de um anno inteiro... Adiantou revelar-se-me ainda muito mais vil do que eu pensava! (*Apontando-lhe a porta*)

M. CAETANO.

(*Dirigindo-se á varanda*) Retiro-me, snr. Athaide (*Entram todos*) Quando me faltasse outra razão, deveria fazel-o já, em quanto róla a trovoadá secca, para mostrar á d. Lucinda que não me assustam as doadices de Nunes Machado.

LUCINDA

(*Rindo-se*) Piedosa fraude, meu pai, mentira santa, segundo as regras da companhia de Jesus: deixe passar a a justiça da igreja... O caso é este: são horas, e sem duvida o snr. Manoel Caetano vai ler o seu breviario...

JERONYMO

Brigariam afinal?

LUCINDA

Que idéa, meu pai! Pois alguém pode brigar com um varão piedoso como o snr. M. Caetano? Está hoje de

de máo humor, e nada mais. Não viu, que nem chegou-se ao piano para cantar a sua modinha favorita? Não viu que elle não nos disse hoje por musica — pois só cantando é licito a um padre dizer certas cousas — que «não pode estar distante de sua Lilia sem soffrer um cruel tormento»? (1) E' máo humor, e nada mais, meu pai, esteja certo.

BITTENCOURT

E' máo humor, é: o Manoel é sujeito a estes ataques. E eu, por obedecer á d. Lucinda, vou com elle, para que o coração não lhe salte pela bocca. Sou do partido de Nunes Machado, quero dizer, sou do partido dos doudos, e o Manoel vê em mim uma garantia...

M. CAETANO

Em dias como este hei de usar de gravata verde... Vamos, Bento (*Procurando o chapéo e a bengalla*)

JERONYMO

Pois, seriamente, não tomam uma chavena de chá? Podiam esperar pelo desembargador... Mas emfim, não quero ser importuno.

BITTENCOURT

Não faltará occasião. Voltaremos breve, para analysar as scenas de hoje, lá fóra e aqui (*Rindo-se.*)

LUCINDA

Quando quizerem. (*Trocados os cumprimentos, sahem os academicos, e entram N. Machado e Freitas. O tumulto, que nunca tem cessado, vai serenando quasi de*

(1) Allude-se a uns versos muito cantados então nas salas do Recife.

todo : de espaço a espaço, ora mais longe, ora mais perto, ouve-se o grito — *Viva N. Machado, durante a scena seguinte.*)

SCENA ULTIMA

**Nunes Machado, Freitas, Jeronymo,
Lucinda e Laura**

N. MACHADO

(Entrando com Freitas) Então?... Muito susto por aqui, já sei... Não foi nada... E' o que digo sempre : assomos de idéas generosas, fervendo na immensa caldeira popular. E si as grandes idéas não fervessem ahi, ai de nós e dos nossos descendentes ! *(Dirigindo-se para as moças.)* Sabes d'uma cousa, Jeronymo ? Estou quasi acreditando que as moças d'esta terra me têm raiva, contando mesmo estas duas...

FREITAS

Eu respondo pela snra. d. Laura.

JERONYMO

E eu não respondo por Lucinda.

LUCINDA

Com effeito, snr. desembargador, apesar de me chamarem praieira...

N. MACHADO

Tem raiva de mim... Eis uma ingenua confissão ! Felizmente, é só em quanto ha bulha : passou, passou. *(Estendendo a mão á Lucinda)* Façamos pazes.

JERONYMO

E a tranquillidade publica, snr. Nunes Machado, que parece perdida sob a sua dominação ?

N. MACHADO

Minha não ; de todos nós filhos do povo. Um dia virá, Jeronymo, em que honra se fará ao partido da praia, que soube quebrantar umas horriveis tradições dos dominadores da terra. E' tremenda a luta, bem vejo, mas assim são sempre as lutas verdadeiramente honrosas.

JERONYMO

E si a onda vos involver ?

N. MACHADO

(*Sentando-se*) Estou cansado, Jeronymo. Dou procu-
ração á d. Lucinda.

LUCINDA

Será um homem de menos, e uma grande idéa de mais... uma grande idéa bafejada pelo ultimo alento de um grande cidadão.

N. MACHADO

(*Levantando-se enthusiasmado e dirigindo-se a Jeronymo*) Ouviste ? (*Apertando a mão de Lucinda*) Por sua bocca, snra., acabam de fallar todas as velhas glorias pernambucanas... (*Exaltado*) Si morrer, fio o meu nome ás mulheres e aos meninos da presente geração, e a minha idéa ao trabalho civilizador do futuro. Oh ! si soubessem como eu vou de animo desencalmado, sem o minimo calculo pessoal, como verdadeiro apóstolo de alforge e bordão... oh ! si soubessem... então, sim, teriam medo de mim... Descanço tanto no Crucificado,

por quem um dia até quiz-me fazer-me poeta(1), descanço tanto na liberdade, filha unica do Calvario, que nem penso, si ainda existe o punhal, que matou o generoso Tavares, ou si levantar-se-ha para mim a força de Theotonio... Morrer! Pois não hei de morrer sempre? Tem razão, Lucinda: um homem de menos é nada, uma idéa de mais é tudo. Para que nascemos todos? E eu?... Si não foi para dar mais desassombradamente a vida pela liberdade, porque Deus tirou-me os nove filhos que tive? (*Concentrando-se, e ameiçando o gesto e a voz*) E' destino, meu Jeronymo, minha Lucinda, minha Laura, meu Freitas... diz-me o coração, que esta vertigem durará pouco! (*Como que desfallecido, senta-se.—Todos estão visivelmente commovidos, e ha uns instantes de silencio.*)

FREITAS

E o meu coração diz-me, snr. desembargador, que a seu lado vou no caminho da gloria.

N. MACHADO

Pobre Freitas!... E a morte não entra em teus sonhos de gloria? A gloria! Desde o Calvario a gloria no mundo é uma corôa de espinhos...

LUCINDA

E tambem uma pagina de honra no livro da historia, e a lembrança agradecida e respeitosa dos vindouros.

LAURA

(*Enchugando uma lagrima*) E eu, si tivesse a palavra, diria que o sr. desembargador premedita um suicidio, e seduz companheiros para o mesmo crime...

(1) Correm impressos, e assignados por Nunes Machado, dous sonetos á Paixão de Christo.

N. MACHADO

(*Sorrindo tristemente*) Eis ahí um coração de mulher, fallando de plena abundancia... Olha, Jeronimo! (*Apointando para as moças*)... Uma meiga virgem de Raphael, que muito a medo se arriscará pelos jardins da vida, mesmo nos mais dourados crepusculos, nas mais serenas noites de luar... Uma Armida do Tasso, uma Amazona valente, que atravessaria areaes abrasados com o sorriso nos labios, si no horisonte estivesse a idéa que lhe escalda o cerebro, ou a fonte que lhe devesse aplacar os anceios do coração... E ambas igualmente anjos! e ambas iguaes sorrisos de Deus! Dous thesouros, Jeronymo: as joias não são as mesmas, porém igual é o valor... E pensar eu, que cada dia vai se tornando mais difficil a felicidade para as mulheres assim!... Guarda-as, Jeronimo, guarda-as bem guardadas: com ellas quero-te avarento, muito avarento.

JERONYMO

Cegueira da sua amisade, meu Nunes...

LAURA

Bem se vê, que é uma amisade cega, pois nem dá pelos grandes sustos que faz todos os dias aos seus amigos.

N. MACHADO

Acuda ali, snr.^a d. Lucinda, com os fachos da sua sensibilidade intelligente, ou da sua intelligencia sensivel: a sua «filha» é capaz de tomar-me raiva séria... E tu, Freitas, eu te peço, deixa-me ao meu destino, para que por tí não me chegue um dia a maldição de um anjo...

LAURA

(*Vivamente*) Ah! isso nunca!

LUCINDA

(*Constrangidamente gráciliosa*) Vê, snr. desembargador, que é minha filha legítima...

JERÓNIMO

E também eu, meu grande amigo, em momentos como este, esqueço tudo para admirar a sua magnanimidade.

N. MACHADO

(*Levantando-se arrebatadamente*) Pois não me ia acobardando entre tantos valentes corações! ? (*Impetuoso*) Que viessem ver agora, si ha na vida uma recompensa, como esta que recebo d'estes peitos generosos! O que importa não viver amanhã, contando-se eternamente com as lagrimas sentidas de todas as almas generosas? O que importa não viver amanhã, si com o sangue se deixa escripto um protesto pela liberdade da patria?... Chamam-me doudo!... Um doudo, que ha de abrir as veias para regar a arvore da Liberdade... Que riam-se depois... não poderão perturbar o meu somno da sepultura! Cumprirei o meu destino!.. (*Um grupo abaixo das varandas, brada—Viva Nunes Machado—Este, apontando para a varanda, conclue*) E ao som d'aquelles canticos generosos, quero morrer! (*Todos ficam pasmos de admiração, a contemplar o vulto erecto de Nunes Machado—Ao cahir do panno repetem os brados — Viva Nunes Machado*).

ACTO PRIMEIRO

A CHEGADA

(Sala de visitas na casa de N. Machado, á rua do Cabu-
gã: varandas e cadeiras estão occupadas por visitantes,
que conversam entre si, quasi todos homens do povo —
Uma mesa no centro da sala, com objectos d'escripta,
papeis e jornaes, tudo em confusão— Ao levantar o pan-
no ouvem-se vivas a N. Machado— Este que se acha na
varanda central, falla ao povo—N. B. Os visitantes
entram e sahem, conversam entre si, e figuram até
quasi o fim do acto, embora não entrem no desenho das
scenas.)

SCENA I

Nunes Machado e Homens do povo

NUNES MACHADO

(Fallando da varanda ao povo que lhe dá vivas) Pernam-
bucanos! Meus patricios! Sabeis que não sou homem de
recuar... Contai comigo, que carregarei comvosco, até
o fim, a cruz da liberdade... Juro! (E' saudado com
vivas, e recolhe-se á sala, quando vem entrando Abreu e
Lima)

SCENA II

Nunes Machado e Abreu e Lima

NUNES MACHADO

(*Abraçando A. e Lima*) Meu general, conto com a tua boa lança boliviana... Forte e robusto, sempre com o olho d'aguia e o fogo hespanhol...

ABREU E LIMA

Engano, meu Nunes, engano... A desillusão já lavrou fundo por cá. A nossa terra, desde muito a reconheci madrastra minha. Não sei porque... chego até a pensar às vezes, que hão de disputar-me os nove palmos de terra...

NUNES MACHADO

Ora, general... que esmorecimento tão improprio da raça! Não quebrarás, estou certo, a harmonia da familia illustre do grande suppliciado da Bahia: Luiz nos typos, João no campo, e tu...

ABREU E LIMA

E eu... Mario sobre as ruinas de Pernambuco. Sim, Nunes, esta revolução impensada, embora fundos os agravos e generosos os arrojos, esta revolução impensada será o ultimo canto do cysne da liberdade pernambucana... ao menos por muitos annos.

NUNES MACHADO

Penso como tu, pensas como Urbano. Vim ter mão á revolução, todos o sabem. Mas, o que queres? Chego quando a pedra tem rolado... Fecho os olhos, e vou... Morrerei, comtanto que sobre o meu nome não paire uma

duvida. Pois os guabirús não andaram a dizer, general, que eu estava vendido?

ABREU E LIMA

E o que esperavas d'essa gente?

NUNES MACHADO

Que usassem da vara, com que os meço... Eu não calunio a ninguém, nem ao mais atroz adversario; e não me tirarão d'este caminho, façam o que fizerem. Desengana-los-hei amanhã no «Diario Novo». Ouve a minha declaração (*Procurando entre os papeis, lê:*)

« Tendo-se espalhado de hontem para cá, depois da
« minha chegada, a mais infame noticia, offensiva da leal-
« dade do meu character, como a de que «me acho in-
« teiramente mudado de meus principios», e adhiro á
« causa saquarema, que por tanto tempo tenho comba-
« tido, julgo do meu dever declarar perante os meus
« Comprovincianos, que estou cada vez mais firme em
« minhas opiniões; e visto como a malvadeza do presi-
« dente da provincia, o snr. Herculano Ferreira Penna,
« tem feito derramar, sem nenhum motivo legitimo o
« sangue dos meus Patricios, e se dspõe a levar a mi-
« nha Patria a ferro e fogo, estou resolvido a correr
« todas as vicissitudes, a que por ventura possa ser le-
« vada esta bella Provincia; e nem duvido offerecer a mi-
« nha vida, si tanto for preciso, para salvar Pernambuco
« das desgraças que lhe estão propinquas. »

O que achas, general?

ABREU E LIMA

E' digno de ti, não ha duvida; mas, sabes o que te espera na «União»?—E's um energumeno, que não te que- res accommodar á nullidade, que é partilha da tua igno- rancia, impudencia e protêrvia... E's um desembar- gador mulambo, impudente sem igual... Um vaidoso de nome desacreditado... Um botafogo... Um homem

catavento, que só tem por guia e norte os interesses mesquinhos do seu egoísmo... Escrevedor de papeluchos... Mulambo chefe, novo Trasibulo... Chefe dos ladrões, dos proletarios, dos bandidos, de todos os inimigos da sociedade... Promettes o saque da cidade... E's como os Affonsos, os Romas e todos, um homem do cacete, da carnificina, e da guerra civil... (*)

NUNES MACHADO

Basta, general, basta! ferve-me o sangue! Eu tudo espero dos meus vis adversarios, que nem me poupam a vida privada, mesmo pequena como é, pois os meus dias e noites vão-se n'estas lidas da politica... (*Exaltando-se*) Miseraveis! Ou dar-lhes-hei uma lição de mestre, ou salpical-os-hei a todos com o meu sangue!..

ABREU E LIMA

(*Rindo-se*) Não te zangues tanto, Nunes, que não vale a pena,.. Cá por mim já me vou acostumando ao canalhismo dos canalhas da politica.

NUNES MACHADO

(*No mesmo tom*) Pois soffre-se isto, general? Nós que somos quasi toda a provincia, nós cujo minimo feito é haver quebrantado uma horrorosa tradição do contrabando de negros, do assassinato e do roubo, nós que fizemos voltar o povo pernambucano aos aureos tempos da posse de si-proprio, nós assim bruscamente enchetados como uns lacaios, e entregues ao chicote dos bastardos fidalgos d'esta terra!... E' horrivel, general, e foi uma traição... Quando Urbano e todos nós assignámos a circular de paz, firmeza e esperança, é que nos affirmava o gabinete de 29 de Setembro, que a lei seria respeitada,

(*) Veja-se o artigo editorial da *União* n. 43, de 21 de Novembro de 1848.

que as urnas não seriam trancadas para nós. Bem vêes, que sendo nós quasi toda a provincia...

ABREU E LIMA

(*Rindo-se*) E acreditaram na fé punica dos saquaremas? Bem feito lhes seja... Os tolos podem ganhar o reino do céo, mas com certeza não ganham o reino da terra. E para a luta armada já nos deram a amostra do panno em Mussupinho, assassinando o capitão Luiz Alves, depois de prisioneiro... E porém, continuam ufanos com descenderem de Portugal, e chamam os hespanhoes de sanguinarios !..

NUNES MACHADO

(*Pensativo*) Foi um erro, quasi uma inepecia, o movimento armado, convenio contigo ; mas, por outra parte como resistir ás sanguinolentas provocações... Erro foi, no principio, não provocar logo a dissolução da camara, que só muito cavillosamente se faz esperar. (1)

ABREU E LIMA

E o que esperavam ? Depois da completa inversão pelo Souza Teixeira, que quasi não deixou nas posições um só praieiro velho, sendo respeitados os seus actos pelos dous presidentes que lhe succederam, o que esperavam? Não viram logo, que os guerrilheiros de Lages, Panellas e Jacuhipé, haviam de receber o mando, para o exercicio da mais illegitima vingança, si é que ha vingança legitima? O que esperavam? Erraram tristemente... E porém, um erro não se corrige com outro ainda maior.

NUNES MACHADO

(*Exaltando-se*) Como quer que seja... depois do que tem feito o Penna, com as suas demissões occultas, cousa

(1) A dissolução foi por decreto de 19 do Fevereiro de 1849. Que custo! E hoje como é facil uma dissolução!...

que nunca se viu, depois d'entregue a autoridade a individuos de cujas propriedades tinhamos tirado centenaes d'escravos furtados, depois d'entregue a autoridade aos adversarios que batêmos ainda hontem, quando armados em nome da *ordem*, e que juraram fazer-nos em postas... depois de tudo isto não ha hesitação possível! Em Mus-supinho ainda era tempo; mas, elles iam de animo asente, não fizeram a minima proposta, levavam á sua frente quem devia tirar toda a esperança aos nossos, que não fosse a sorte das armas... Foi tudo calculado! O movimento armado é hoje exercicio legitimo do direito de defeza: ou morrer no campo, ou esperar o bacamarte e o cacete policial...

ABREU E LIMA

E nem pensar nas urnas...

NUNES MACHADO

Como vês, é impossivel recuar... Irei, ainda que me pareça a luta com o impossivel; e hei de sustentar o que disse—morrerei, si tanto for preciso. (*N'este momento grande susurro na rua: gritos—Viva Nunes Machado—Viva o partido praieiro—Fóra a policia—Entram Freitas e João Sabino*)

SCENA III

Os mesmos, Freitas e João Sabino

FREITAS

Sr. desembargador, grande movimento pelo quartel do corpo de policia: fallam em ordem para dissolver o ajuntamento á vossa porta.

ABREU E LIMA

Canalhas de guabirús!

N. MACHADO

Que desaforo ! Pensam que a cobardia é o meu fraco ! Onde já se viu, que o povo infringisse a lei, levantando vivas a um cidadão ? (*Voltando-se para João Sabino*) Dize-me, João, está ahí toda a nossa gente ? Gonzaga ? e o dr. Ivo Miquelino, esse grande coração parahibano ?

J. SABINO

(*Fallando com rapidez*) Estão todos, snr. desembargador. O snr. Casumbá e o snr. Loyolla foram ao quartel, dizendo que iam observar de perto. Que falta faz o nosso Capistrano, o capellão dos cinco mil !... O dr. Ivo, *Nunes Machado segundo*, que é o appellido que vai pegando, esse não descança de um para outro, vendo e ouvindo e fallando. E' o seu melhor discipulo, snr. Nunes Machado, não ha duvida...

N. MACHADO

Vai, Freitas, dize que não arredem pé, que eu aqui estou... E tu, João, vem avisar-me logo que appareça o primeiro soldado de policia... (*Sahem Freitas e J. Sabino.—Ouve-se o vozear na rua, e uma que outra vez os vivas já ditos.*)

SCENA IV

Nunes Machado e Abreu e Lima

N. MACHADO

(*Sentando-se, e um tanto pensativo e pausado*) E' assim, general... Em rolando a pedra, chegará a baixo, sem que se possam calcular os estragos... (*Mudando*

de tom) Para que pensar ? Já não é tempo : devemos rolar com a pedra.

A. E LIMA

Com effeito, estive a pensar, e vejo que ambos temos razão. Foi um erro ; mas, na vida dos individuos, como na vida dos povos, ha erros, que uma vez commettidos, força é sustental-os, ao menos em suas consequencias inevitaveis. Já agora, o nosso dever e a astucia d'elles travaram as cousas de tal modo, que é força não olhar para trás...

N. MACHADO

Terrivel situação, general ! Não fallo de mim, fallo de nós todos.

A. E LIMA

E' destino ! Façamos jogo para a posteridade, que outra cousa não tem a fazer, não sei até quando, o partido liberal do Brazil. Não irei, Nunes, que desde muito fiz-me neutro para tudo o que não é a imprensa, n'este imperio desgraçado. Chamam-te de doudo, e a mim de hespanhol, que é cousa peor na lingua d'elles... E porém elles todos não passam de uns canalhas, que não chegam á altura do nosso desprezo. (1)

N. MACHADO

Então, cruzas os braços ?

A. E LIMA

Não. Ao meu modo, ao modo de um solitario n'um deserto d'homens, morrerei honrando a Liberdade, como Danton morreu honrando a guilhotina : reprehenderei os

(1) Este «e porém» é do estylo de Abreu e Lima ; e o epitheto de «canalhas» tambem lhe era habitual. Bom velho, alma lavada, pensamento largo, coração de amar a Deus e ao proximo, tudo isto contrastado por uma linguagem rude e desabrida...

Camillos da minha carreta, e guardarei silencio desprezando o resto. Embora no fundo de um gabinete, vivo para uma idéa; e os que vivem assim, morram aqui ou acolá, sempre morrem grandes. Deixa passar esta minha hespanholada; que não é lá grande peccado um homem como eu julgar-se alguma cousa e dizel-o, quando por ahi a cada canto verdadeiros laponios são sagrados gigantes, pelas convenções rasteiras de uma rasteirissima politica... Mil vezes as hespanholadas, do que as brasileiradas de hoje, e que promettem tomar vulto.

N. MACHADO

Mas eu, mas todos nós contavamos comtigo no campo...

A. E LIMA

Fizeram mal. Por escarneo appellidaram-me de «general das massas», negaram-me o posto, que com tanta honra ganhei no estrangeiro, servindo a causa americana, que era tambem nossa. (*Exaltando-se*) Eu que fui admirado pelo general Páez; que no sitio de Puerto Cabello, n'esse feito glorioso que concluiu a guerra da independencia da Bolivia, segundo o historiador Baralt, tive a honra de me ser destinada a porta da Estacada, unico ponto por onde podia entrar na praça a força, que cobria a linha exterior; eu que guardei gloriosamente esse posto com vinte e cinco lanceiros... (1) na patria achei, o que? Uma alcunha... Sou o *general das massas*... Sou o *hespanhol*... Pois aquella causa era tambem nossa, e seriamos felizes si Bolivar, o meu grande amigo, tivesse levado a effeito a grandiosa idéa do congresso de Panamá... Pois não commetti crime nenhum deixando a patria: não fui buscar fortuna, fui arriscar a vida pela autonomia americana: fui attenuar a horrivel impressão do «assassinato legal» de meu pai...

(1) Consta da *Autobiographia del general Páez*, pag. 234 a 236. Tenho á vista o livro, de que me fez presente A. e Lima.

N. MACHADO

(Como que absorvo pelas fallas de A. e Lima, sempre tão pittoresco e animado no estylo e no gesto) Como quer que seja, meu general, não te acho razão. E' nossa patria...

A. E LIMA

Bem sei e bem sinto ; mas, o que queres ? Creio em agouros, como Cesar e Augusto, e outros homens d'essa antiguidade tão chasqueada pelos homens de hoje, que não fazem viagem na sexta-feira, e não tomam assento em meza de treze... uns philosophos altivos, que sempre acabam resolvendo as questões com Platão e Aristoteles. (Com vivacidade extrema até o fim da falla) Creio, desde que me regatearam a patria (1), que afinal me negarão os nove palmos de terra, como já te disse. Talvez ainda me arrebatem os assumptos religiosos ; e o jesuitismo que vejo despontar no imperio, estreitando-se o coito illicito entre altar e throno, o jesuitismo ha de fazer de mim a sua ceva. Já escrevi na cõrte, em 1829, como um papista ; mas, o papismo vai se tornando profundamente anachronico e irracional depois de Gaëta, não só em religião, como em politica... Hão de chamar-me incoherente, como se a coherencia fosse a pertinacia estúpida, como si as epocas não mudassem, como si o espirito do homem não fosse progressivo... Felizes os analphabetos, meu Nunes ! nascem e morrem na coherencia do anonymo, na coherencia da estupidez... Si eu entrar na questão, talvez queiram os jesuitas injuriar o meu cadaver, repellindo-o com a ponta do pé ; no

(1) A muito custo restituíram a A. e Lima a qualidade de brasileiro, com o posto de capitão d'artilheria, que tinha quando d'aqui sahiu. O general recusou, e reconheceram-lhe « o titulo de general ». Isto com A. e Lima, n'uma terra em que estrangeiros, como Cochrane, e outros, começaram por almirantes e generaes. A's portas da morte, nas ultimas palavras que com elle roquei, ainda o velho general sentia a dor...

entanto, quanto mais penso, mais vejo, que para morrer tranquillo em Jesus devo abrir luta com os jesuitas. Tartufos! Tartufos! São os maiores inimigos da liberdade politica, Nunes, de todas as liberdades. O que penso e o que pensam elles? Para mim, o sentimento mais elevado é o religioso: é na ordem das paixões o ultimo termo da sensibilidade, como na ordem das idéas é o ultimo termo da intelligencia: o amor de Deus e do proximo fará da Cruz um symbolo unico de fé (1). E porém, para isto é preciso dar combate ás tendencias carnaes da curria romana... Dize-me agora, meu Nunes, queres roubar o general de uma batalha talvez maior do que essa que vaes ferir? Tudo é luta, tudo é martyrio, embora variem as formas... Si morreres amanhã com a arma na mão, o teu corpo será levantado pelas espingardas dos soldados liberaes; e eu, quando morrer, espero em Deus que serei levantado por outros soldados não menos gloriosos, por uns guerreiros de penna e tinta, uns Pedros e Paulos, que não são contados em Roma, mas que são descendentes legitimos do Christo... Decididamente, Nunes, com a lança boliviana ninguem mais me verá; e a espada de capitão d'artilheria do Brasil era curta para mim, quebrei-a. Só conheço hoje uma arma: a penna...

N. MACHADO

Ah! general, porque Deus não me fez tambem um batalhador severo d'essas batalhas grandiosas e incruentas do verbo fallado ou escripto? Sinto sêde da illustração, e nem tempo de beber... Arrebata-me não sei que vento forte...

A. E LIMA

Não penses n'isso, que estás perfeitamente onde estás.. A cada dia e a cada operario a sua tarefa... (*Ouve-se tropel, e o tinir d'espadas de soldados de cavalaria que passam. — Susurro do povo, e vivas a N. Ma-*

(1) *Socialismo*, pelo general A. e Lima.

chado.—*Este vai á janella com A. e Lima, e soam vivas a ambos.*)

N. MACHADO

(Fallando ao povo) Meus patricios, firmeza e prudencia!... Fui, sou, e morrerei Joaquim Nunes Machado. *(Estrepitosos bravos.)* Estamos á beira d'um abysmo, não temos garantias constitucionaes, vexa-nos a prisão arbitraria, ameaça-nos o punhal e o bacamarte dos sicarios do presidente Penna... Pernambucanos, talvez tenha chegado o momento de morrer, contai comigo *(Applausos)*. E' ainda a causa da nossa independencia que se pleitêa, saibamos pelejar... Da côrte nada esperemos sinão o ferro e o fogo, que ella tem contas velhas a ajustar com noseo: pagamos e pagaremos os santos commettimentos de 1817 e 1824... Compatriotas, vinte e seis annos d'experiencia demonstram que as nossas instituições são impotentes para a felicidade do povo: combatamos pelas reformas, que devem regenerar-nos... Amigos, alerta! Connosco virão ter todos os homens livres da provincia, todos os pernambucanos dignos d'este nome! Alerta! Por Deus e por nossa patria (1)! *(Estrepitosissimos applausos, vivas, etc. — N. Machado e A. Lima entram, e sentam-se.)*

N. MACHADO

(Fatigado e sob a influencia de subita reacção: no tom de quem está séria e dolorosamente apprehensivo) General, si ainda fosse tempo?... *(Levando a mão á testa.)*

A. E LIMA

(Grave e solemne) Curva-te ao dedo de Deus... Já te

(1) Construi esta arenga pelo manifesto de guerra assignado por N. Machado e seus collegas de deputação; ajudando-me, quanto ao genio tribunicio do heroe, com as minhas reminiscencias de menino de 16 annos, que por muitas vezes trocou palavras com o grande pernambucano, nunca perdendo occasião de ouvi-lo ou vê-lo, e sempre irresistivelmente admirando-o!

disse : a cada tarefa seu dia ! Não te pertences mais, beija as gloriosas cadeias que para tí forjaste, e vai... Não será, nunca foi perdido o sacrificio pela idéa, pela collectividade. Vai, protesta no campo de batalha, e eu protestarei no gabinete. E tenhamos fé... Esta patria, disseste bem :—é minha patria !—esta patria, para a qual sonho uma missão providencial no hemispherio do sul, como a dos Estados-Unidos no hemispherio do norte (1), esta nossa patria poderá ser narcotizada pelas papoulas da corrupção... e porém, não poderão assassinal-a !... E o despertar será tremendo ! ha de vê-lo a geração que vier...

N. MACHADO

(*Sempre apprehensivo*) Ah ! general, tenho n'esta cabeça um mundo de cogitações, e n'este peito uma tempestade de palpitações... Quem sabe si esta partida que vou jogar não é um crime !?...

A. E LIMA

Não a jogaria, não a jogarei, já te disse... E porém, penso que tudo é preferível á morte da idéa. Já que rolou a pedra, como dizes, peor seria que fosses esmagado querendo amparar-lhe a queda. Deixaste que fizessem de tí o symbolo da liberdade pernambucana, deves morrer com a calceta dos gloriosos forçados da liberdade. Ser o symbolo de uma idéa humanitaria, que gloria maior ! Os primeiros romanos viviam e morriam pela cidade eterna, e os primeiros christãos pela humanidade. Si os primeiros romanos tivessem pensado no individuo, e os primeiros christãos na seita, o que seria o mundo antigo, o que teria sido a missão do christianis-

(1) Veja-se o *Socialismo*. Como se enganou o espirito entusiasta do illustre general !... Para a realisação do seu sonho dava o praso de 25 annos... e os 25 annos são passados, e tudo temos de menos, salvo algum tujollo e alguma cal, e a tragi-comedia horrivel e insensata do Paraguay... Porque digo isto, dizem que não sou patriota ! Pois forneço mais um documento para o processo.

mo? Quando em Roma veio á tona o individuo, o imperio esphacelou-se; quando o christianismo fez-se campo fechado dos jesuitas, os povos começaram a duvidar, não do Christo, mas dos padres... (1)

N. MACHADO

Fazem-me bem essas grandes palavras, general.

A. E LIMA

Sim, Nunes, cada um no seu posto. Façamos tudo, para que não venha o imperio do materialismo, que é o el-dorado dos governos corruptos e corruptores... Para uma sociedade corrompida, disse não sei quem, só resta a morte e um sepulchro infame. O dever é a lei da vida; e o dever do patriota christão é a patria e a humanidade.

N. MACHADO

(*Levantando-se, e tornando repentinamente á sua vivacidade habitual*) Obrigado, general, obrigado. Sinto-me forte, e já te não peço a companhia. Dizes bem: cada um no seu posto. O teu é mais difficil do que o meu.

A. E LIMA

(*Tomando o chapéo*) E adeus. N'aquellas horas certas, que todos os amigos sabem, lá estou na minha thebaida, no meio dos papéis e livros, sempre ao serviço da gran-

(1) Paraphrase do *Passado e futuro do povo*, por Lamennais. Encaro de modo diverso, quer aquellas phases historicas, quer a doutrina do individualismo: onde não ha individuo pleno, não ha liberdade; e vou adiante: onde o individuo se deixa absorver, nada pode haver de verdadeiramente grande... Si faço A. e Lima fallar a linguagem de Lamennais, é que mais de uma vez lhe ouvi, que este era talvez o primeiro pensador da França; é que as idéas politicas e sociaes de A. e Lima, que muitas vezes expoz-me largamente, muito se assemelhavam a-essas do padre francez, a quem tambem reputo, apesar de tudo, um robustissimo pensador.

de causa. N'esta conformidade conta sempre e sempre comigo.

N. MACHADO

Até logo, general, si a policia do Penna consentir. Adeus. *(Trocado o aperto de mão, retira-se A. e Lima, e com elle os poucos visitantes que ainda estavam pela sala. Entra Freitas.)*

SCENA V

Nunes Machado e Freitas

FREITAS

Si houve intenção recuaram, snr. desembargador. Apenas passaram em silencio alguns soldados de cavallaria, que o snr. talvez tivesse visto. O dr. Ivo assentou, que o ajuntamento se fosse dissolvendo aos poucos, e moderasse as suas acclamações. No entanto ha ainda muito povo ahi na rua...

N. MACHADO

Freitas, bem estás vendo, que uma partida arriscadissima vai ser jogada. O que pretendes fazer?

FREITAS

Pretendo ir para onde me apontar o seu dedo, snr. desembargador...

N. MACHADO

(*Passeando agitado*) Patria!... Liberdade!... Palavras santas!... Mas, o sangue vai correr... Dizem que sou energumeno, que sou perverso, que não trepido... dizem até, santo Deus! que assassinei um soldado preso... (1) Malditos calumniadores! E eu sou um mixto de força e fraqueza, mais de fraqueza que de força!... Si soubessem como as entrânhas me palpitam, como estremece o meu coração ao toque dos mais suaves sentimentos... (*Sentando-se com prostração*) Oh!... morrerei, e ainda bem... Quero descançar d'esta luta... Já não posso... O futuro fará o resto... (*Dirigindo-se a Freitas*) Estás admirado, meu Freitas... Viste-me sem a mascara do tribuno...

FREITAS

(*Commovido*) Não, sr. desembargador, nenhuma das suas grandezas me é desconhecida.

N. MACHADO

E's um moço generoso, e sem piedade vou sacrificar-te...

FREITAS

Appello do seu coração de homem para o seu coração de patriota. Não me aconselharia, juro, uma vileza!...

(1) Veja-se a *União* n. 78, de 22 de Fevereiro de 1849, veja-se a *rabies calumniandi*, quando o illustre liberal já estava morto! Tiveram a coragem de transcrever de uma folha da Bahia, que—Nunes Machado era um rebelde coberto de crimes, que pelo seu unico interesse, pelo interesse de sua deputação, pela ambição de dominio, despenhou na ruina e na morte a tantos brasileiros... vario em seus planos, inconsequente em seus principios, etc. E pernambucanos transcreveram isto! Mudadas as scenas, com certeza o bahiano não faria o mesmo... Mas, não! foi algum cearense, ainda com medo do inimigo morto, foi algum redactor papealista e tacanho, que illaqueou a boa fé de seus collegas...

N. MACHADO

E a tua Laura ? E o nosso Jeronymo ? E Lucinda?...
(Nunes Machado)

FREITAS

Sem duvida esperam a sua visita, snr. desembargador.

N. MACHADO

Impossivel por estes dias, devem saber... Nem sei mesmo quando irei por lá... Darei as minhas desculpas a Jeronymo, que sem duvida me verá qualquer dia d'estes... Quanto ás moças, vai vê-las de minha parte, sempre que pudéres; e não percas tempo, pois que de uma hora para outra partirás, e voltarás, e tornarás a partir: assim o queres, assim te dou... E vai-te. Preciso de sahir, preciso de abraçar esse povo que ahí está, preciso de estar em toda a parte.—uma especie de Deus, razão porque, penso eu (*Com ironia*), tantos me invejam o officio, e ferem-me com a calumnia... Si soubessem quanto pesa a minha tunica!... (*Severo e triste*) Deus ha de ouvir-me: quero descancar... (1) Venha uma morte digna do soldado da liberdade, e verão que sei morrer... (*Senta-se pensativo.*)

FREITAS

Tristes idéas, snr. desembargador... Ha de viver para a patria... (*Nunes Machado não dá signaes de ter ouvido: Freitas sahe.*)

(1) Estes presentimentos elle os tinha.—Vid. *Obras* de J. F. Lisboa, *Disc.* na assembléa provincial do Maranhão.

SCENA ULTIMA

Nunes Machado (só)

N. MACHADO

(*Sentado e meio desalentado*) A vida já não me encanta... A estação invernosa chega mais cedo para uns que para outros, e para mim veio correndo... Bem se vive para a patria, quando se morre por ella... Tanta luta! Tanta calumnia! Tanto fel! Desde menino com a arma na mão, e o verbo a serviço da idéa... Sempre! sem uma hora de descanso! Quando abraçava um filho, quando pensava que ia pertencer a mim-mesmo, porque tinha um filho, morria-me o filho nos braços! e outro! e outro... até nove! Nove pancadas n'uma fibra só, e que fibra!... Grande Deus, gloria a ti e á tua santa vontade!... E o anjo que Deus me deu, a esposa virtuosa que devia ser a minha corôa, quasi sempre longe de mim, que assim o quer o meu destino... Sempre n'um vaivem horrivel! Sempre lutando com os outros e comigo! O coração repleto de ternuras, e o verbo chammejante como uma espada de destruição!... E aqui estremecendo ao riso d'uma mulher, e alli afouto como um raio, lascando os carvalhos do caminho da politica... Meu Deus, que me fizeste assim, (*Como em desespero e levando a mão á cabeça*) eu não posso emendar a vossa obra! (*Pausa*) O fago do patriota a laborar-me no peito, e a lagrima do homem a orvalhar-me a face... Correr o sangue!... Fazer viuvas e orphãos!... (*Levando as mãos aos cabellos*) Oh Deus, illumina-me! (*Pausa, e levanta-se agitado*) E' destino! Vâmos... Devo dizer hoje mesmo aos amigos, que me terão comsigo na barca, até o porto ou até o naufragio... Irá com elles Cesar e toda a fortuna prai-eira! (*Bradando na rua*) VIVA NUNES MACHADO.— *Cahe o panno.*)

ACTO SEGUNDO

A PARTIDA

A mesma sala do prologo, em casa de Jeronymo d'Athayde, menos os apparatus festivos.

SCENA I

Lucinda e Laura

LAURA

(Continuando a conversação) O que eu sei é, que chegou ha mais de um mez, e apenas estamos com as lembranças, que nos manda por nosso pai e pelo snr. Freitas... Traz tudo em tal desordem o teu desembargador, que mesmo o snr. Freitas...

LUCINDA

(Rindo-se) Não parece o mesmo Freitas, o que na verdade é cousa espantossissima... Chegaste ao ponto da questão, bem te entendo... O desembargador ha de vir, affianço-te. N'uma grande alma, como aquella, não pode haver falha dos grandes sentimentos: o homem ha de ser como o tribuno: sempre leal, sempre elevado!

LAURA

(*Com certo agastamento*) E' a minha vez... Chegaste ao ponto da questão, bem te entendo...

LUCINDA

(*Estremecendo vivamente*) Laura!... Pois achas que tu e Freitas, e eu e elle... (*Com abatimento e grande tristeza*) Tinha de ser! Até mesmo tu, minha Laura, devias um dia suspeitar de mim... Lembras-te do vil estudante da festa do anno passado? Quando te contei a sua ousadia e a minha indignação, sabia eu que por aquella bocca estragada fallava toda a nossa estragada sociedade. . Para a luta contava e conto com o meu desprezo... Agora, para o que me falta de todo a coragem, é para imaginar que tamhem tu...

LAURA

(*Confusa*) Não me comprehendeste, Lucinda...

LUCINDA

(*Pondo-lhe a mão na bocca*) Tudo, menos a mentira na bocca da minha Laura, que amo mais do que a vida... Desculpo-te : é talvez o zelo pela tua Lucinda... Chega-te para mim, que é tempo de acabar de contar-te a minha historia.

LAURA

(*Ainda confusa*) Ora!... é uma offensa que me fazes...

LUCINDA

(*Beijando-a*) E's um anjo, ouvir-me-has de confissão. Diz-me o coração, não sei o que... ando a sonhar com esquivos e mortalhas... Ouve-me.

LAURA

(*Affagando a mão de Lucinda*) Estou ouvindo, minha irmã.

LUCINDA

Subiu ao céu tua mãe, e teu pai e eu velávamos o teu berço. Tu e elle, eis todo o mundo da engeitada. Ah! porque não quiz Deus, que sempre fosse assim?!... Aos meus dezoito annos vi pela primeira vez o desembargador, que aliás era velho amigo de teu pai. Eras uma criança, e foi uma fortuna para ti... Ha homens, Laura, que uma mulher de coração não pode fitar impunemente... O que senti, não te sei dizer... Era um homem, para o qual todos olhavam com admiração; era uma gloria solemnemente annunciada; uma grandeza verdadeira, porque é accessivel a todas as idades e sexos, a todas as classes e condições... E um gesto nobre e simples, e uma voz que trovejava e affagava, e uma figura erecta, como devia ter sido a de Saul, mostrando a cabeça por cima da multidão... Ah! foste feliz, que eras ainda uma criança, quando elle te appareceu!... (*Com vivacidade*) Bateu-me descompassadamente o coração, e tive medo, muito medo, confesso-te... Pareceu-me até, que aquelle era o primeiro homem que eu via... Deus permitta, que nunca possas comprehender a amargura com que eu disse a mim mesma: «Engeitada sempre!» (*Ligeira pausa*) Um dia ouvi da bocca de teu pai: «Não tenho melhor amigo que o desembargador, não ha coração mais nobre e leal.» Desde então passou-me o medo de mim e d'elle, (*Com enthusiasmo*) approximei-me, associei-o a ti e a teu pai dentro do meu coração, e já agora será assim até a morte... Mas, à hora da morte como hoje, minha Laura (*Beijando-a*), hei de dar-te um beijo como este, sem que o teu anjo da guarda estremeça pela tua castidade... Eu te juro: hei de ser sempre digna do legado de tua mãe!

LAURA

(*Abraçando-a*) Minha Lucinda, minha irmã, minha mãe, não duvidei, nunca duvidarei de ti...

LUCINDA

(*Vivamente*) Nem d'elle, minha Laura, nem d'elle... Queres acabar de conhecer-me e de conhecê-lo?... Pois esse homem ama estremecidamente à sua mulher, e eu não o admiraria, si assim não fosse, que é ella um modelo das esposas... Oh Deus! como são insondaveis os mysterios do coração humano! (*Muito visivelmente commovida.*)

SCENA II

Os mesmos e Freitas

FREITAS

(*Entrando*) Minhas snras., venho dizer-lhes adeus: vou fazer uma pequena viagem ao norte da provincia, e parto hoje.

LUCINDA

(*Desfazendo a commoção*) Já sei que vai para o sul... Geitos de conspiradores, que dizem sempre o contrario do que pretendem fazer...

LAURA

(*Tremula*) Mas, o snr. Freitas prometteu-me...

FREITAS

(*Dissimulando*) E quem lhe disse, snra. d. Laura, que vou alistar-me nas linhas rebeldes?

LUCINDA

Laura anda assombrada com o nosso Nunes Machado... Diga-me, snr. Freitas, o que se diz, o que se espera, o que será? Seja franco: as paredes desta casa não têm ouvidos, e nós devemos merecer-lhe alguma fê.

FREITAS

Não se pode fazer calculo seguro... Si não tivesse havido proposito de exasperar o partido praieiro, si os dominadores do dia tivessem tolerancia bastante para nos consentirem, a nós, que somos quasi toda a provincia, uma parte da representação da provincia, si não entregassem a policia aos rebeldes de hontem, hoje encarniçados contra nós, talvez ainda fosse tempo... Mas, depois do que tem feito o presidente Penna, que assim mesmo acham frouxo, e vai ter successor mais valente...

LUCINDA

E o desembargador? O que diz? O que pensa?

FREITAS

Só eu sei quanto elle soffre com esta horrivel situação! Mas, não recuará, porque não pode recuar honradamente... E' uma alma de molde antigo!

LUCINDA

Meu pai ha de querer ouvil-o, snr. Freitas: vou chamal-o. (*Sahe.*)

SCENA III

Laura e Freitas

LAURA

(*Quasi chorando*) Diz-me o coração que nunca mais nos veremos, snr. Freitas... Isto ha de ser um vão terror, não é assim?

FREITAS

(*Constrangido*) Tenho poucos momentos, Laura... Nunca se deve mentir, principalmente aos anjos... e tu és anjo, minha Laura!... Parto, sim, vou arrastado pela fascinação do grande Nunes Machado; mas, hei de voltar. Espero em Deus... tenho fé em tuas orações...

LAURA

E eu? E o seu juramento?

FREITAS

Hei de voltar... (*Beija apaixonadamente a mão de Laura, que chora*) Ah! não chores, que serias capaz de fazer de mim um cobarde, um vil!... Deixa-me partir... Quem sabe si a policia não está a caminho para surprender-me aqui? Deixa-me partir... Hei de voltar!

LAURA

(*Erguendo a cabeça, e como quem toma de subito uma resolução*) Tambem sou pernambucana... vá!... Vá, e eu fico aos pés da Virgem... Por ella juro: serei sua, ou na terra ou no céu!

FREITAS

(*Levando as mãos aos cabellos, e procurando suffocar intensa dor*) Laura! Laura!... (*Como querendo superar*

a commoção, e sair quanto antes) O desembargador em poucos minutos estará aqui, e elle dirá tudo. (*Beija-lhe apaixonadamente a mão*) Adeus !

LAURA

(*Hirta como a estatua da dor*) Adeus ! (*Segue-o com a vista.*)

SCENA IV

Lucinda e Laura

LUCINDA

(*Entrando*) Meu pai sabia... (*Reparando*) E o snr. Freitas, Laura ?

LAURA

O teu Nunes Machado responderá breve, que tambem vem dizer-nos adeus.

LUCINDA

(*Sobresaltada*) Não te entendo...

LAURA

(*Chorando*) Partem ! Vão guerrear a guerra de irmãos, que tanto nos custa, que tanto nos ha de custar, Lucinda !... Não me engana o coração !... (*Toda tremula de susto*) Nunca mais os veremos !...

LUCINDA

(*Pensativa*) Deus não ha de permittir... Tu a noiva, e eu... (*Com transporte*) Oh ! nem eu sei o que lhe sou e o que elle me é !... Sou e serei uma engeitada... E

elle... Caminhando, como caminha, para as altas montanhas da gloria, fadado assim por Deus com signo bem visivel, o que mais poderias querer tu, engeitada? o que mais poderias querer do que já tiveste, mulher sem nome? o que mais poderias querer, do que vê-lo passar um dia baixando os olhos para ti, filha de todos e filha de ninguem?... (*Recolhendo-se*) Curvo a cabeça, meu Deus, e em vós espero que saberei esgotar o calix!... Que martyrio o nosso, minha Laura!...

SCENA V

As mesmas e Nunes Machado

N. MACHADO

(*Entrando, com ar prasenteiro*) Muitas queixas por aqui, já sei... (*Apertando a um tempo as mãos das duas, e beijando a testa de Laura*) O que não terão dito! Sem duvida já me chamaram de ingrato, e cousas ainda mais feias... Pois aqui estou, lavrem a sentença, e já : venho ás carreiras, e meio fugido...

LAURA

Já sabiamos, snr. desembargador, que nos disse o snr. Freitas...

N. MACHADO

Ah! O Freitas esteve cá? Era bem feito, que a policia do Penna o apanhasse... (*Mudando de tom*) Então já sei que a minha Laura está muito zangada comigo, e tambem d. Lucinda...

LUCINDA

(*Fingindo placidez*) Não, snr. desembargador. Sabemos que partem ambos ; mas o que havemos de fazer... Faremos o que fazem sempre as mulheres : afogaremos

a saudade, e rezaremos por vós todos «os valentes pe-
lejadores da guerra de irmãos». (*Accentuando*)

N. MACHADO

(*Um tanto severo*) Não me falle assim, que eu a desco-
nheço, snra. d. Lucinda... Somos os provocados, mais
do que provocados... usamos do direito da mais legiti-
ma defeza, e defendemos os fóros populares... Si ha
vergonha, não é nossa... Não me falle assim, snra. d.
Lucinda!

LUCINDA

(*Confusa*) O snr. quer mulheres de ferro...

N. MACHADO

(*Ameigando as fallas*) Não é assim... Quero a mulher
de animo sempre elevado, ainda quando chora... E para
mim, mal da mulher que não chora! (*Voltando-se para
Laura*) E teu pai?

LAURA

Sabiu, mas talvez já tenha chegado: vou ver. (*Sahe*)

SCENA VI

Nunes Machado e Lucinda

LUCINDA

Então, é certo? vai partir, snr. desembargador?

N. MACHADO

Não lhe negarei: parto d'aqui a pouco, mas por pou-
cos dias.

LUCINDA

Procura enganar-me, quer poupar as ancias da grande amizade, que lhe têm todos d'esta casa... O snr. sabe mil vezes melhor do que eu, que na guerra é tudo problematico... (*Com respeitoso acanhamento*) E pensou bem no que vai fazer?

N. MACHADO

(*Estremecidamente*) Lucinda, vou dar a prova de minha pura adoração, revelando-te as minhas fraquezas... Tenho chorado!... (1) Quem o pensára! enlutar a minha terra, eu... que só queria viver para multiplicar-lhe os risos! (*Affagando a mão de Lucinda*) Mas, comprehendes, tu que não és mulher como as outras, comprehendes que eu não me pertença; que em politica, uma vez lançando-se os dados. . Foi um erro, talvez; mas seja como for, devo entregar os amigos que tudo fiaram de mim?... Voltarei, tem fé na Virgem Immaculada... Pois achas que si me governasse, si não fallasse imperiosamente em minha alma a voz da liberdade e da felicidade do povo, estarias tu em risco de perder a protecção de um verdadeiro amigo, e a minha santa mulher de ficar sem amparo, e só?

LUCINDA

(*Como em desvario*) Ah! si á sua santa mulher faltasse um dia o snr., o que a Virgem não permitta (*Pondo as mãos e levantando os olhos ao céu*)... e quando a minha Laura estiver casada... si, n'essa medonha hypothese, sua mulher me quizesse por sua companheira, para chorarmos juntas...

N. MACHADO

(*A custo reprimindo a commoção que o assoberba, e fallando firme*) O que é isto, Lucinda? Onde a grandeza d'animo, que sempre admirei em ti?

(1) Historico.

LUCINDA

(*Como tornando a si*) Tem razão... não sei o que foi...

N. MACHADO

(*Dando-lhe uma carta*) Guarda esta carta, e peço-te por tudo, que a faças chegar ao seu destino : é para minha mulher. Confiarei outra a João Sabino (1).

LUCINDA

(*Reapoderada de sua grandeza d'animo*) Fique descansado... Vá, snr. desembargador, vá : tudo, com tanto que se não perca o brilho do seu nome... Na volta, porém, não faça como d'esta vez : estamos de partida para a nossa casa de Belem, e lá o esperamos. Quero eu mesma entregar-lhe a resposta de sua mulher... Vamos para o nosso deserto : junto é a Capella, e havemos de encommendar-o todos dias á Virgem Santissima.

N. MACHADO

(*Beijando-lhe a mão*) Voltarei, irei ter contigo, e depois...

LUCINDA

(*Enchugando a furto uma lagrima, e retirando a mão*) Depois... (*Entre altiva e tímida*) depois seremos como até hoje... duas almas que juraram encontro no céu...

N. MACHADO

Santa incarnação da mulher ideal !

(1) Historico.—J. F. Lisboa e Urbano Sabino fallam de uma carta de Nunes Machado á sua mulher, escripta dos acampamentos da revolução, na qual conta as torturas de seu grande coração.

SCENA VII

Os mesmos, Laura e Jeronymo d'Athayde

LAURA

Eil-o ahí, meu pai... Elle parte... parte o snr. Freitas... e creio que vai tambem Pernambuco em peso... Não fará vmc. algum milagre ?

JERONYMO

Foi-se o tempo dos milagres, minha filha. (*A Nunes Machado, cuja mão aperta*) Então, meu amigo, ainda hontem estivemos juntos, e guardou segredo...

N. MACHADO

Já sabes tudo, bem vejo, que a tua Laura foi buscar padrinho... (*Com intenção*) bem sei para quem... Queria fazer tudo a um tempo : queria dizer-te que parto á vista de tuas filhas, ás quaes só agora pude fazer visita e despedida... Não se afflijam, nem me afflijam.

JERONYMO

Que não me afflija, quando tenho tudo a temer pelo meu amigo, por toda a provincia, por todos nós... Permitta que lhe diga, usando dos direitos de verdadeira amizade : só vejo uma loucura n'essa briga sanguinolenta d'irmãos, por umas posições officiaes, que, perdidas hoje, serão recobradas amanhã...

N. MACHADO

(*Exaltado*) O que dizes, Jeronymo?... O que dizes ? (*Pausa*) Não ha duvida !... devo morrer pela honra do meu nome e pelo futuro das minhas idéas... Sempre

essa linguagem na tua bocca e de todos os teus ! Pois eu sou mais justo : vejo entre os saquaremas alguns homens de bem, sinceramente convencidos... Julgam-se apóstolos da ordem, e com effeito nenhuma sociedade pode existir sem ordem ; mas, param a meio caminho, e não vêem, que sem liberdade não ha ordem possivel... Têm medo da anarchia, e não sabem que ha uma cousa peor que a anarchia : é esse medo da anarchia. Disse-o um dos mais probos liberaes da França, no reinado d'esse corrupto e corruptor Luiz Philippe, que passou dezoito annos a sophismar a liberdade, e por ultimo, acabamos de vê-lo... por toda a memoria de sua obra, resta a librê de lacaio com que fugiu !

JERONYMO

Mas, o que se vê, meu amigo, é que vós outros prai-eiros abris uma luta desastrosa e deshumana contra os filhos de Portugal... é que comvosco, com as vossas idéas e tendencias, vai-se o respeito á autoridade e ás leis, o amor ás instituições, o acatamento ao throno imperial, e perigam seriamente todos os elementos de ordem, que garantem a vida das sociedades bem organisadas... (1)

N. MACHADO

E o que não se vê, é muita cousa que não posso dizer agora : o futuro dirá, o que vale toda essa idolatria pela ordem em prejuizo da liberdade... o futuro dirá muita cousa. O que eu quero n'este momento da despedida, é que me faças justiça

JERONYMO

E porque não teve mão á luta armada ?

(1) Vid. *Chronica da rebelião praieira*, pag. 1.

N. MACHADO

Porque ha lutas e provocações, que fariam ferver o sangue dos anjos, si elles o tivessem... Recrutamento em massa pelas ruas e casas, sem attenção a isenções legaes... prisões e processos a êsmo... presos entrando pela cidade amarrados com cordas, como foram Marcellino Antonio Pereira e Marcolino Ferreira da Costa. . outros acorrentados, como cinco que vieram de Goyanna... dous cidadãos, Luiz José da Cruz e Seraphim José, publicamente chibatados no quartel do corpo de policia... o povo agglomerado a ouvir os presos no calabouço d'esse quartel, gritando que os matavam de fome e de sede... o coronel José Carlos Teixeira entrando pela cidade, de jaqueta e chinelos, porque não lhe consentiram vestir-se, e debaixo dos improperios de uma escolta de bandidos... 4 Achas pouco, Jeronymo, achas pouco?

JERONYMO

- Ha n'isso alguma exaggeração...

N. MACHADO

Mas, ha mentira ?

JERONYMO

- Não ; mas, tambem a investida é tão forte da vossa parte...

N. MACHADO

(Ironico) Ah! então já não somos essa insignificante minoria... pois assim appellam cobardemente para o terror... Não discutamos... (Animadamente) Pois achas, que si houvesse apenas, no golpe de 29 de Setembro, a alternção que está na indole dos partidos em regimen como o nosso, fariamos o que estamos fazendo ? Não !.. E' que as queixas, e fundas queixas, vêm de longe...

(1) Vid. *Apreciação da revolta praieira*, pag. 32, 33 e 38.

Desde 1840 se ensaia um sophisma contra o partido liberal: este ganha a batalha á luz da opinião, e perde-a á sombra dos reposteiros... Não pode, não deve ser assim. Em cinco annos fizemos grandes serviços á patria, viviamos nos broquéis da opinião, e de repente... oh! é insoffrivel!... Podem vencer-nos, posso morrer, mas ficará lavrado um grande protesto em favor da opinião, a favor da soberania nacional... Os praieiros, os liberaes serão vingados pela historia... (*Sentando-se e moderando os impetos*) Devo ir... vou! Só Deus poderá embargar-me o passo! (*Lucinda e Laura têm estado quê-das a ouvir*)

LUCINDA

(*Tristemente*) Bem vê, meu pai, que é tempo perdido...

LAURA

(*Quasi chorando*) Tambem eu pouca esperança tinha...

NUNES MACHADO

Dous anjos, Jeronymo!...

JERONYMO

E porque não se salvará a sua pessoa, que tão util pode ser ainda ao nosso paiz? (1)

NUNES MACHADO

(*Exaltando-se de repente*) Perdôo-te pela amisade... Seria uma indignidade; e a sangue frio, a não veres com os olhos de bom amigo consultando só o coração, não me dirias isso... Vou! Não vou pleitear só a causa do praieiro, vou pleitear a causa do povo pernambucano... Guabirús ou praieiros, os filhos do povo são todos meus

(1) Historica a pergunta, e historica a resposta.

irmãos... Não distingo : o meu trabalho é por todos, pela liberdade e felicidade de todos... Vou, e vou com fé na santidade da causa... (*Pausa, serenando, e como impressionado pela tristeza que acabrunha a todos*) O que é isso? Apostaram-se para tirar-me o animo na despedida? Porque não me communica a sua magnanimidade, d. Lucinda? E tu, Jeronymo? E a minha Laura?

JERONYMO

E' natural, meu amigo...

LAURA

(*Chorando*) Deus e a Virgem Santissima o acompanhem, snr. Nunes Machado...

LUCINDA

(*Reprimindo a commoção*) Os carvalhos não pedem forças aos canniços...

NUNES MACHADO

Mas, vem a tempestade... os canniços vergam e ficam, e os carvalhos resistem e vão parar longe, no chão, estendidos e mortos... Só isso, d. Lucinda, assim com ares de uma reprehensão...?

LUCINDA

E com a minha Laura, uma oração á Virgem Maria...

NUNES MACHADO

(*Visivelmente affectando uma tranquillidade que não tem*) Não ha duvida, é a conspiração do silencio, ou dos monosyllabos... Pois é preciso dizer-lhes adeus : já lhes tenho dado momentos, que não são meus... E estou alegre, não vêem... Nunca foi vencido o pernambu-

cano, que se armou em nome da liberdade!... (*Com vivacidade*) Que o diga o hollandez... que o diga o portuguez... Podem apontar-me as forcas e os pelotões de 17 e 24?... Os vencedores foram, já o diz a historia, os enforcados e os fuzillados... (*Com visível indecisão e perturbação*) Adeus, adeus, até breve... (*Beija a mão de Lucinda e a face de Laura, e abraça Jeronymo*) Até breve... (*Já com o chapéo na mão e como sem animo de partir*) O que sou eu?—Um soldado da liberdade: assim nasci, assim morrerei. Ora, em tempo de guerra os verdadeiros soldados marcham ou mandam certidão de obito... (*Extremamente commovido*) O que posso eu fazer, Lucinda, Laura, Jeronymo, si Deus poupou me os dias até hoje?... Adeus, adeus. (*Id para sahir, e volta*) Prometti á nossa Lucinda, Jeronymo: até breve na tua casa de Belem. Encommendem-me todos á Virgem da Capella. (*Jeronymo acompanha-o á porta; Lucinda e Laura abraçam-se chorando.*)

ACTO TERCEIRO

O MARTYRIO

Sala do sobrado grande do largo da Soledade.—Logo que sobe o panno, e até o fim do acto, troa a peça d'artilleria, e ouve-se o tiroteio da fuzillaria em todas as direcções.—As portas da sala, que deitam para as varandas, estão fechadas.—Ao levantar do panno entra Nunes Machado com dez a quinze soldados liberaes, entre os quaes João Sabino.—A sala tem apenas uma cadeira, como que alli esquecida.— Os soldados dirigem-se ás portas das varandas.

SCENA I

Nunes Machado (só)

N. MACHADO

(No centro da sala, fallando aos soldados) Não abram as portas, não façam fogo por ora: convém que do quartel não saibam já, que occupámos este ponto... *(Chamando)* João Sabino... Vai dizer ao coronel João Paulo e ao coronel João Roma, que eu quero fallar-lhes ja e já... *(Sahe João Sabino: os soldados liberaes, em silencio ou conversando baixo entre si, examinam as pa-*

tronas, trocam munições entre si, carregam as armas, etc.: N. Machado passeia agitado Plano errado... (*Consulta o relógio*) Dez horas, e nós ainda aqui!... e aquela columna do sul a ser sacrificada!... (*Com impeto*) Hei de salvar a minha honra! Em quanto me restar um punhado de bravos, pelejarei... E' o meu ultimo dia, bem sei!

SCENA II

O mesmo e Freitas

FREITAS

(*Vestuario em desordem, espada á cinta*) Snr. desembargador, está tudo perdido, si não passamos já e já... Pedro Ivo e Borges da Fonseca lá estão lutando como dous leões, e serão vencidos, si não chegarmos...

N. MACHADO

(*Puchando os cabellos*) E porque não chegamos? Quem commanda aqui? Que ausencia de plano!... (*Mudando de tom*) Dize-me, Freitas, são muitos os mortos?

FREITAS

Ainda não, o fogo vai sendo bem sustentado; mas, si chegar de repente alguma tropa do governo...

N. MACHADO

Que scenas! meu Freitas... Não me sahe da vista a imagem do bravo capitão Americo, que vi morrer, ha

pouco, alli na trincheira do Olho do Boi... (1) (*Exaltando-se*) E porque não passamos? Quasi de relance tomámos a trincheira do Olho do Boi, occupamos a estrada de João de Barrós, desalojámos d'este sobrado o capitão Rocha Brasil, e estamos estacados!... (*Apiedando-se*) Freitas... e tantos mortos, e tantos feridos...

FREITAS

E' a sorte da guerra...

N. MACHADO

(*Animando-se*) Sim, tens razão... N'estes momentos é preciso calçar com ferro o coração... Havemos de passar a Santo Antonio, havemos de chegar a tempo, porque não? Que medo faz aquelle quartel?

SCENA III

**Os mesmos, João Roma, João Paulo
e João Sabino**

N. MACHADO

(*A J. Roma e J. Paulo, que a elle se dirigem, em quanto J. Sabino vai incorporar-se aos soldados liberaes*) Então, meus amigos, ficamos aqui? Não vêem, que já deve ir sendo inexplicavel a nossa demora?

(1) Historico: o capitão Americo Fernandes da Cunha, do 1.º de caçadores. Entretinham relações: mais de uma vez vi Nunes Machado de braço com o capitão Americo. Encontraram-se e bateram-se: eram dous homens de coração... Nunes Machado ainda fallou ao capitão do alto da trincheira!

JOÃO PAULO

Temos estado a bater o quartel. Seria imprudencia passar, sem saber que força nos fica á retaguarda...

JOÃO ROMA

Levarei a minha gente, e passarei, si acham que sem mim podem sustentar o fogo do quartel...

JOÃO PAULO

Sustento.

N. MACHADO

E eu ajudo d'aqui. Vai, João Roma, e eu fico com João Paulo. Quando souberem que passaste, hão de abandonar o quartel, como abandonaram este sobrado. (*João Roma sahe*) Quanto antes, João Paulo, vai, fogo nutrido e bem nutrido... (*Sahe João Paulo*) Agora é a nossa vez, Freitas. (*Aos soldados*) Meus amigos, comecem o fogo d'essas janellas, com a bravura do costume, mas com toda a prudencia. (*Os soldados liberaes entreabrem as janellas, e começa o tiroteio.*— *Nunes Machado senta-se, e Freitas vai dirigir o fogo.*— *Depois de ligeira pausa, Nunes Machado chama J. Sabino, e entregand-lhe uma carta, que tira do bolso, diz*) E' para minha mulher: si eu morrer, faze-a chegar ás mãos d'ella... (*Levanta-se agitado*) Será o meu ultimo dia? Parece-me que sim, pois não devo sobreviver ao sacrificio de tantos... Pedro Ivo, Borges da Fonseca, Lucena, Leandro, e tantos que alli combatem, e por ventura nos chamam de cobardes!... Ou irei ter com elles, ou morrerei... Não se dirá, que Nunes Machado calculou o perigo!... (*Commovido*) Ao menos não verei o luto e a orphanda... (*Como que reconhecendo-se*) E a fraqueza não ia tomando conta de mim?!... E não ia me passando, que

em certos momentos é preciso não ter coração?!... Arrasta a tua braga, forçado da liberdade!... (*Aos soldados*) Sustentem o fogo, meus patricios, João Roma deve ter passado...

SCENA IV

Os mesmos e João Roma

JOÃO ROMA

Impossível!... Quiz passar, mas no sitio do Suassuna achei força consideravel. Seria um sacrificio inutil, pois não sei o que me ficaria na retaguarda...

N. MACHADO

Impossível! Impossível! Em certas occasiões não ha impossiveis, porque nunca é impossivel morrer!

JOÃO ROMA

E' bom de dizer-se e de fazer-se, quando não se sente a responsabilidade por outras vidas...

N. MACHADO

Pois vai, meu João, vai ajudar João Paulo, e desembaracemo-nos d'este quartel. (*João Roma sahe*)

SCENA ULTIMA

**Nunes Machado, Freitas, João Sabino
e soldados liberaes**

N. MACHADO

(*Para os soldados*) E' a nossa vez, e decisiva, meus amigos! Sustentem o fogo, e contem-me ao seu lado, que os riscos devem ser iguaes. (*Caminha para uma das portas*)

FREITAS

(*Tomando-lhe a frente*) Não, não, o snr. não se per-tence a si, e devo servir-lhe de trincheira...

N. MACHADO

(*Querendo passar*) Deixa-me, Freitas! Não vês, que hoje eu, e tu, e todos, somos soldados rasos? Ha momentos na guerra, em que todos são soldados ou generaes... Perdes mais do que eu, que és moço (*Adiantando-se para a janella*), mas vem si quizeres, que és soldado como eu.. Preciso de calcular a guarnição do quartel, de fallar mesmo áquelles soldados si puder... (1)

(1) Todos sabem a grande fé, que tinha Nunes Machado no seu verbo franco, arrojado e communicativo: fallou ao capitão Americo e aos seus soldados na trincheira do Olho do Boi, e quiz fallar á guarnição do quartel. O sobrado grande do largo da Soledade olha para o edificio, onde é hoje o collegio de S. José, e que então servia de deposito de recrutas, calabouço de soldados, etc.: o fogo trocava-se entre o sobrado e esse edificio. Contou o capitão Rocha Brasil a meu Pai, à minha vista, o seguinte:— Que lhe parecia ter Nunes Machado morrido no sobrado; que um soldado quando rolava o fogo, disse-lhe: «creio que acertei n'um homem alto, que chegava muito a uma das varandas do sobrado, batendo com os braços, fallando, e como que dirigindo-se a nós»; que

(*Abrindo uma porta e expondo-se imprudentemente: Freitas com elle*) Parece que não são muitos... (*Voltando e fallando aos soldados liberaes*) Sustentem o fogo... João Paulo e João Roma atacam de veras... Fogo, meus patrios! (*Em crescente exaltação, adianta-se de novo para a varanda, abre de todo a porta, e com Freitas está quasi a descoberto.*)

FREITAS

Não é coragem, é temeridade, meu grande amigo!

N. MACHADO

(*Recúa com a mão na cabeça, e alguns soldados liberaes vêm amparal-o*) Liber...dade! (*Exclama com a voz desfallecendo, e expira.*)

FREITAS

(*Com as roupas ensanguentadas e uma ferida no peito*) Amigos, levem-n'o d'aqui... escondam estes restos, que a Patria um dia ha de venerar... livrem do insulto o cadaver do ultimo Graccho pernambucano! (*Cahe desfallecendo.—Logo que N. Machado profere a ultima palavra, a orchestra toca á surdina uma marcha funebre, que continuará até o fim do quadro seguinte.*)

alguns minutos depois elle capitão Brasil perguntou ao soldado, si tinha tornado a ver o homem, obtendo resposta negativa; e que, finalmente, meia hora depois tinha cessado o fogo do sobrado, o que fazia acreditar, que a Nunes Machado se referia o soldado... O capitão Rocha Brasil era um homem de bem e um bravo, e nenhum interesse tinha em fabricar semelhante historia. Escrevo esta nota, para certificar que aventurei as minhas proposições firmado no que vi e ouvi, com certa curiosidade que sempre me acompanhou, e procurando sempre quanto possível pesar as palavras conforme as boccas de que sabiam... Contava eu dezeseite annos de idade; e pois, não era tão menino, que hoje não me possa dizer, tanto ou quanto, contemporaneo dos factos, dos caracteres, e em geral da epoca, que procuro descrever.

QUADRO FINAL

A VOZ DO FUTURO

Marcha funebre á surdina.—Vista da estrada de Belem, fachada da respectiva Capella, vendo-se parte da casa de Jeronymo d'Athayde d'onde sahirá Lucinda.—Vêm chegando em morno silencio, e com passos precipitados, João Sabino e uns seis a oito soldados liberaes, dous dos quaes carregam uma rede mal aparelhada com o cadaver de N. Machado.—Um do grupo abre a porta lateral esquerda da Capella.—Quando vão a entrar, Lucinda, que tem sahido da casa proxima, pergunta em grande sobresalto :

LUCINDA

Quem é?

J. SABINO

Elle, snra. ! o nosso amigo ! o amigo do povo ! o grande Nunes Machado ! (O grupo entra na Capella e cerra a porta sobre si.--Lucinda traspassada pela dor, e em pranto, ajoelha-se)

LUCINDA

Voto a minha virgindade
De sua alma á salvação ;
Recebei-o, Virgem Santa,
Recebei minha oblação !

Oh Bemdita entre as mulheres,
Mãe dos homens e de Deus,
Estendei-lhe o vosso manto,
Escutai os votos meus !

Voto a minha virgindade
De sua alma á salvação ;
Recebei-o, Virgem Santa,
Recebei minha oblação !

Virgem Santa, mãe de Deus,
Boa mãe dos peccadores,
Dai-lhe entrada lá no Céu,
Por Jesus, por vossas dôres !

Voto a minha virgindade
De sua alma á salvação ;
Recebei-o, Virgem Santa,
Recebei minha oblação !

(Alguns instantes em extase. — O grupo sahe da Capella, em completo silencio. — Ao fechar-se a porta, ao estrepito da chave, Lucinda estremece e levanta-se. — O grupo retira-se, sempre em silencio, e agora com passo cauteloso : Lucinda segue-o com a vista. — Ao desaparecer o grupo, Lucinda volta os olhos para a Capella, e diz os seguintes versos, com os quaes finda o drama. N. B. A orchestra toca até descer o panno, como ficou dito ; e a marcha funebre nada tem de commum com os versos, pois o autor não teve em vistas um recitativo.)

LUCINDA

(Grave e selemne)

Tombou, e vai-se pelo mar dos éros...

(Passeando vagarosa, fita a Capella, e depois levantando os olhos para o céu)

E' elle, sim, n'aquella nuvem branca...
Vém recebel-o Theotonio e Roma,
E Caneca, e Martins, e tantos, tantos...
A augusta dynastia dos herôes,
Que adoraram a Deus na Liberdade !

(Pausa)

Tombou, e vai-se pelo mar dos évos...

(Aproxima-se de novo á Capella, torna a fital-a e volta)

Tudo está consummado !...
Já agora, Pernambuco, soffre o jugo...
Ficam-te herôes, bem sei, mas elle foi-se,
E a victoria, sem elle, ha de fugir-lhes !
Podem inda lutar, que são uns bravos,
Pedro Ivo, João Roma, e tantos outros...
Mas faltâ o verbo augusto do tribuno,
Do grande rei das linhas liberaes...
Tudo está consummado !

(Pausa, e fica pensativa.—De subito e arrebatadamente vai ás portas da Capella, e tenta abril-as.—Volta, e diz em grande agitação)

Amanhã levarão esse cadaver,
E nem morto, meu Deus, será poupado
O grande cidadão... Oh ! é horrivel !

(Como em delirio, e vendo phantasmas)

Batei palmas... assim, dobrai os risos...
Porque tremeis ainda?... Acaso o morto,
Ahi, á luz das praças vos faz medo?...
E' alto o sol... voltai-lhe a face e vêde...
Morreu!... Porque tremeis ?

(Voltando-se para a Capella)

Vejo, ah ! vejo... uma mulher, um anjo,
Curva-se e beija a sua fronte nobre...

Abre um livro, escreveu... sorriu-se, e foi-se...

...
Foi a deosa da historia, que sagrou-o !
Sim, eterna será sua memoria !

(Continúa o delirio)

Vejo o vento agitar um lago impuro,
E das ondas revoltas vir surgindo
A Corrupção... vilissima bacchante !
Tripudia na margem, bate palmas...
«Morreu Nunes Machado» diz e ri-se...

(Pausa, e ainda em delirio)

Has de imperar, bem sei, trabalha affouta,
Mas senta bem o throno... Um povo livre,
E livre é todo o povo americano,
Um dia acorda... e aí de ti, dos teus !
Has de voltar ao lago pestilente,
E da margem dirás, cobarde e tremula,
«Surgiu Nunes Machado !»

(Tornando a si, e examinando a scena)

Onde estou ? Sonho horrivel me atormenta !

(Pausa)

Seja feita, Senhor, tua vontade...
Estava escripto, bem vejo, era destino !
Sempre engeitada ! Sempre só e triste,
Sempre engeitada...

(Com animação)

Não ! que aquelle nome,
Posso dizer agora, me pertence !
Hei de zelar a flamma d'este peito...
Só por elle bateu... Ergo a cabeça !
Fecha-te, coração, guarda esse nome,
Nunca mais te abrirás !

(Pausa, e conclue com exaltação patriolica)

Oh! Liberdade! Vejo que perdida
Será por tempos tua causa santa...
Mas, és filha de Deus baixada á terra,
E voltarás a Deus... só quando o mundo
Ao chaos se tornar!

Das almas és o sol, serás comnosco,
Em quanto lá no céu luzir flammante
O astro-rei dos corpos!...

.....
Um dia, eu não verei... será teu hymno
Nesta terra entoadado...

Estrilho será, n'harpa da Gloria,
JOAQUIM NUNES MACHADO!

(Ergue os olhos ao céu, e aponta para a Capella)



APPENDICE

A' MOCIDADE E PARA A MOCIDADE

Algumas proposições e reflexões, com applicação á nossa litteratura e á nossa *actividade* theatral, tudo tão estragado pela depravação dos costumes e do gosto. (1)

Sem pretensão de qualidade alguma : aproveito apenas a opporrtunidade, para pagar um levissimo tributo, que outro não cabe em minhas posses.

Tem sido ponto muito discutido a influencia do theatro sobre os costumes ; merece, porém, igual attenção a influencia dos costumes sobre o theatro.

A poesia é, como a pintura, uma arte de imitação ; e, quer exprima sentimentos, quer celebre acções, quer descreva imagens, nunca pode cantar, ou exprimir, ou descrever, sinão o que existe, seja simultaneamente em um só assumpto, seja separadamente em diversos.

Os costumes, isto é, os pensamentos e as acções dos homens em sociedade — este o objecto da poesia dramatica. Ora, os costumes coexistem com o homem, e antes de toda a poesia dramatica, como os sentimentos antes de toda a poesia descriptiva. Esta aformosêa o mundo

(1) O que vou dizer, quasi que cifrar-se-ha na trasladação de algumas linhas do visconde de Bonald, muito para serem medítadas, pelos que se occupam do theatro em particular, e las lettras em geral : com relação ao meu presente atrevimento.

material ; e a poesia dramatica avoluma e adorna o mundo moral, dando á virtude o caracter de heroismo, e ao proprio vicio uma certa nobreza e grandeza.

Os costumes ou são publicos, isto é, dos homens publicos, ou são privados, domesticos ou *familiares*, isto é, dos homens no estado privado ou de familia. Tragedia e comedia.

Todos os povos têm uma comedia sua, porque em toda a parte os homens vivem em estado de familia ou sociedade domestica ; mas, nem todos têm uma tragedia nacional, porque entre muitos uma constituição da sociedade politica, imperfeita e pouco adiantada, não ha desenvolvido em todas as suas relações a instituição dos homens publicos.

Ora, já se vê que em um paiz, como o nosso, no apprendizado da liberdade, com os costumes politicos em plena corrupção, como acaba de proclamar uma das ultimas fallas do throno, o drama historico-politico, historico no rigor do termo, como deve ser e eu o comprehendendo, isto é, verdadeiro, não pode ambicionar muito os cothurnos da tragedia, nem para o gabinete, nem para os effeitos scenicos.

Que difficuldades á face do meu *ultimo Abencerrage pernambucano*!

Era uma grande estatura, não ha duvida... Mas, em torno d'elle e á frente d'elle... E os factos de hontem, na memoria de todos... E vivos ainda tantos que foram *magna pars*... Repito: não achei espaço sinão para uma biographia sob a fórma dramatica ; evitei cortejos quer aos mortos, quer aos vivos ; como sempre, só rendi cultos á verdade dos factos e á sinceridade das minhas convicções, sem que me preoccupassem as platéas dos theatros ou das salas...

— A França tem um theatro verdadeiramente nacional ; tem até tres para a tragedia — o de Corneille, o de Racine, o de Voltaire, cada um com sua phisionomia propria, com seu caracter particular, conforme as épocas.

Corneille é do seu tempo. Seus dramas immortaes têm o colorido dos costumes nacionaes, e com appellidos romanos ahi estão os francezes de seu seculo. Os homens são altivos e graves; menos entregues a violentas paixões do que á meditação de altos pensamentos. O amor tem mais de respeitoso do que de transportado; parecendo mais desejo de agradar do que de alcançar; e até em suas mais ternas confissões tem ares de cortezia. As mulheres são altivas e facciosas, menos preocupadas de vincular a si um amante, do que de atrelar a seu carro um cavalleiro, ou á sua têa um cumplice; mais atarefadas em sua gloria, em sua honra, em sua vingança, do que em seu amor. Ainda mais: o amor parece fraco e ridiculo, quando falla só a sua linguagem: todos os sentimentos são exaltados, até os doces, modestos e simples sentimentos do christianismo.

Racine é do seu tempo. Luiz XIV era tudo, só havia a grandeza do Estado, todos eram pequenos perante o senhor... Os prazeres e as festas são a occupação da côrte, succedendo a paixão do amor á da vingança, á medida que a civilisação espanca a barbaria. Racine é o pintor desta scena.

Voltaire é do seu tempo. Mudam os costumes, e a poesia dramatica toma um outro character. Entrava-se (aqui inverteo os conceitos do visconde de Bonald, que me parecem injustos) entrava-se em um periodo de reacção violenta, a sociedade sentia necessidade de despir a tunica immunda do despotismo, e Voltaire surgiu para symbolisar arrojados desregrados, mas grandemente generosos: era o tufão reaccionario para varrer o terreno.

Si me dêssem licença, perguntaria: — Compreendi tanto ou quanto o vulto, e a epoca que esbocei? Não quiz eu dar trabalhos á minha imaginação, e sim pedi contas ao cofre de minha reminiscencias quanto aos costumes da minha quadra, e aos documentos historicos, quanto ao meu herôe e ao facto da revolução. Fui contemporaneo, e os meus dezeseite annos não foram de todo desattentos. Freitas que ama e vai combater, Manoel Caetano que finge amar e espreita, Nunes Machado fir-

me entre sua esposa e Lucinda, são typos d'esse tempo ; e não é culpa minha si já hoje só se comprehende Manoel Caetano, e diz-se, como já se me disse de Nunes Machado : «Foi um tolo: seria hoje membro do supremo tribunal de justiça.» Disse bem o governo pela bocca do imperador : os nossos costumes politicos estão de todo corrompidos.

Tudo tem uma explicação na minha tentativa litteraria, quanto ao facto da revolução, quanto ao vulto do heróe, quanto á pintura de costumes. E' demastado incorrecta a execução, bem vejo ; mas, o intuito foi severamente estudado, como um dia talvez provarei perante a critica sensata e competente.

Dizem que ha falta de arabescos e creações imaginosas, como de entrechos para *divertir* a platêa ; mas, si escrevendo alguma vez me lembrei da platêa, foi para tocar-lhe a fibra liberal, para despertal-a do somno da corrupção ; e nunca para lisongear o *gosto depravado e a scena gafa das bacchanaes de Offenbach e das inverosimilhanças de Sardou*, como diz o nosso prestimoso Henriques Leal.

Dizem que o drama-historico, que a historia no drama deve ser uma mentira. Não pensou assim aquelle discreto maranhense, quando na *Ignez* de Julio de Castilho achou de louvar o não ter este *discrepado da verdade historica*. Não pensou assim Paulo Giacometti, quando escreveu a sua *Maria Antonieta*, que tem sido pasmo das platêas de todos os paizes, interpretada pelo genio da Ristori : e ahi até as fallas de Mirabeau são calcadas pelos seus discursos...

Si posso dar um conselho á mocidade, ella que me attenda.

Cultive o drama historico-nacional, mas cultive-o com a mira na verdade dos factos e na santidade das idéas. Não queime incensos ás platêas. Estas, quando deixarem

de ser incensadas, despertarão do somno vaidoso, e serão por sua vez incensadoras das grandezas intellectuaes e moraes.

Não haja medo, que a victoria é certa, pois no sentimento, como em tudo, a verdade é o bello ; a verdade embora ataviada, mas sempre a verdade visivel a todos os olhos.

Quem somos nós outros, si somos brasileiros, homens de bem, si não estamos mais corrompidos do que as plátéas, que chamamos corrompidas, para dizermos que as plátéas brasileiras ensurdeceram de uma vez para as bellezas intellectuaes e moraes ?

Mãos á obra, moços. N'este terreno eu vos quero litteratos, e tomaria lugar na retaguarda, si mesmo para isto já não fosse tarde.

E fico de consciencia tranquilla. Si nada fiz sob o ponto de vista litterario (e sei que nada fiz), dei mais um testemunho de que desejo ser util, fiz mais uma provocação aos bons talentos, em particular do meu Pernambuco. Concedam-me isto, e de boamente entregue o resto.

— João de Barros, 3 de Maio de 1874.

TRIBUTO DE RECONHECIMENTO

Aos 11 de Abril foi a primeira representação, e aos 5 de Maio a sexta e ultima, do meu ensaio dramatico.

Serei sempre grato ás benevolas manifestações de apreço.

A's redacções da—*Provincia, America Illustrada, Luz, e Brazil Illustrado*, faço os meus agradecidos cumprimentos; bem como a muitos dos órgãos da imprensa do norte e do sul, que me têm dirigido animações.

Aos Snrs. Drs. Elisèo Martins, José Mariano e João Baptista Regueira Costa, aos Snrs. Eduardo Gomes Ferreira Velloso, Demetrio d'Albuquerque, Pelino Guedes, José Manoel Cavalcanti d'Albuquerque, *Francino Cismon-tano*, Minervino A. de Souza Leão, e a todos os outros, que particularmente me animaram, confesso-me devedor de immensa divida.

Não podendo aqui transcrever tudo quanto, no theatro e fóra d'elle, foi produzido a proposito da primeira representação, exaro apenas as duas seguintes peças poeticas, que só têm o defeito da exaggeração benevola quanto a mim e ao meu pobre escripto, provando aliás brilhantemente o merecimento de seus autores:

Ao Illm. Sr. Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães, na primeira representação do seu importante drama historico-nacional NUNES MACHADO

Cinco lustros completos são passados
Depois d'essa tragedia sanguinosa,
Que teve por theatro o seio infausto
Da patria desditosa.

Cinco lustros completos... Já o povo
(Aguia atrevida, que voar não sabe,
Ou perpetuo galé, a quem sómente
O ostracismo cabe)

Como que d'esses tempos se olvidava,
Em que do seio do sulfureo averno
Tôrva surgira a rábida vingança,
Punhaes brandindo, accesa em odio eterno ;

E contra a mãe-commum arremessára
A caterva brutal, serpi-crinita,
Das furias infernaes, sendo ella a furia
Maior, sempre maldita !

A sinistra hecatombe, que custára
Victimas tantas, tanto heroico peito ;
O direito da força supplantando
A força do direito ;

O sangue copioso, que em torrentes
Lhe espadanára das rasgadas veias ;
As pezadas algemas, que arrastrára,
As pezadas cadeias :

As immundas masmorras, a continua
Perseguição feroz, desenfreiada,
—Consequencia certissima, infallivel,
Da empreza mallograda...

Sim : o povo esquecia, — mergulhado
N'esse estado actual de indifferença,
Que enerva, que corróe, que tudo mata
Qual incuravel, pertinaz doença !

D'essa epocha hostile, calamitosa,
Porém tão repassada de civismo,
Em que ainda valia *alguma cousa*
O são patriotismo ;

Como que nada já restava quasi
—Sinão vaga memoria,
Murchos louros aqui e alli dispersos,
E alguns nomes na pagina da historia !

Mas, oh força do genio ! oh poderoso
Prestigio da eloquencia !
Que peripecia ahi se nos antolha,
Por essa dupla e mistica influencia !

Tudo que sente, tudo que respira,
Se agita, e ao enthusiasmo o freio solta,
—Como si novamente se hasteasse
O pendão sanguinario da revolta !

Rasgam-se emfim os véos do esquecimento,
E contra as leis da propria natureza
Surge Nunes Machado — redivivo,
Entre os anseios da geral surpresa !

Com a mesma estatura gigantesca,
E o mesmo herculeo porte sobrehumano,
Eil-o ahi— o imponente, o verdadeiro
Catão pernambucano !

Eil-o o heróe magnanimo, inda á frente
Da pleiade gentil e meritoria
Dos seus bravos e dignos companheiros
De infortunio e de gloria !

Eil-o que novamente em campo surge
E pressuroso e álerta,
Da liberdade o lábaro arvorando
Ante um publico inteiro, em scena aberta !

Vêde-lhe o rosto : vêde-lhe o aspecto :
Infundo o animo ! a energia infinda !
N'aquelle, coração, n'aquelle craneo
A idéa, o sentimento existe ainda.

Inda ao cévo olygarcha infunde espanto,
Inda ama, e quer, e busca, e falla ao povo ;
E o povo, lhe applaudindo o nobre empenho,
Desejos sente de o seguir de novo !

Graças, ó prestimoso, illustre Aprigio,
Ao teu genio inspirado, alti-volante,
Que pode até reanimar dos mortos
As cinzas frias em um só instante !

Graças a ti, que sobre a fronte augusta
(Séde inexhausta de immortaes thesouros)
Assim juntaste aos louros de Polymnia
De Melpomene os louros !

FRANCINO CISMONTANO

Ao Illm. Sr. Dr. Aprigio Guimarães, autor do drama NUNES MACHADO.

O artista no marmore afeiçôa
As creações divinas do seu genio ;
O poeta tambem é como o artista,
Quando estatuas eleva no proscenio.

Tu foste o estatuario do tribuno,
Não talhando no marmore o seu busto,
Mas animando o todo seu gigante
Com a eloquencia do teu verbo augusto.

Esculpindo-lhe a homérica estatura,
Transformaste em cinzel a tua penna,
E ao seu vulto imponente e magestoso
Dêste por vasto pedestal a scena.

Ahi falla elle ao povo essa linguagem
Que dos teus labios eloquente brota ;
Ahi lampeja o fogo de tu'alma
Na voz do liberal, do patriota.

Avante ! O drama teu affronta as éras,
O' athleta da patria liberdade ;
Tu o escreveste com a penna d'aza
Com que se vóa p'ra immortalidade.

J. B. REGUEIRA COSTA

Na ultima representação, por mim offerecida ao Club Popular, com destino ao jazigo para os restos mortaes de Nunes Machado, o Snr. Dr. Elisêo Martins, em seu nome e de outros amigos, offereceu-me uma escrivaniha, brindando-me com as seguintes palavras :

« Hlm. Sr. Dr. Aprigio Guimarães. — E' insignificante, bem sei, o presente que vos trago da parte, e como orgão de alguns amigos, sinceros admiradores vossos. Mas, vêde : elle traduz antes uma idéa, do que um preito á amisade ; e por amor d'aquella, este publico illustrado, que tão justa e entusiasticamente acaba de vos cobrir de applausos, nos levará em conta sua exiguidade. Nas lutas incruentas, em que constantemente vos arriscaes pelo progresso, pela fama e pelos brios d'esse formosissimo berço da liberdade no Brazil, já passastes, sem contestação, a occupar o primeiro lugar na phalange dos mais esforçados lidadores ; e este drama *Nunes Machado*, acreditai, vingando a injuria do esquecimento para com a memoria do grande cidadão, perpetuará o vosso nome no seio das vindouras gerações, que diante d'elle se curvarão agradecidas. E vós, Snr. Dr. Aprigio Guimarães, franco e decidido Apostolo propagandista, no meio dos labores em que se agita vosso espirito, não mais pode-

reis dizer, que nunca encontrastes quem vos estendesse a mão, offertando um instrumento proprio aos obreiros da democracia. Eil-o.—ELISEO MARTINS.

—E fez-se ouvir o sympathico e arrojado poeta, o Sr. Pélino Guedes; e fallou com os brilhantes coloridos do tribuno o Snr. Dr. José Mariano; e o Snr. Demetrio de Albuquerque, em legitimo tom de Pernambucano, traçou mais uma corôa para a estatua das glorias do nosso passado.

—No meio das expressões benevolas de um publico generoso, faltou-me a palavra; apenas pude agradecer ao Snr. Elisêo Martins nos termos seguintes, pouco mais ou menos.

« Não sei em que vos mereci, Snr. Dr. Elisêo Martins, a vós e aos nossos amigos. Tenho 22 annos de vida publica: os 7 primeiros passei-os quasi em silencio, quebrantado por uma luta scientifica de 3 annos, em que suei toda a minha mocidade; e os outros tenho-os passado a cumprir os deveres de mestre, e a levantar como cidadão o mesmo brado de hoje... Como quer que seja, guardo o vosso mimo como um premio de grande preço, e curvo a cabeça agradecido ante a vossa generosidade.»

Concluindo, cumpre-me rectificar um equivoco do escriptor, que na *Provincia* fez a narrativa da primeira representação.

Chamado á scena, e por corresponder aos applausos com que me brindaram, disse eu:

—Que não tinha posto o intento na excitação de paixões inconfessaveis; que as *verdadeiras* glorias de Pernambuco, quaesquer que fossem os nomes que as symbolissem, quaesquer que fossem os arraiaes de combate d'esses nomes, mereceriam os meus respeito; que, si amanhã figurassem em scenas dramaticas os nomes do

conde da Boa-Vista, Seara, ou Maciel Monteiro, *sem prejuizo da idéa liberal*, eu applaudiria; e finalmente, que não era culpa minha, si o meu espirito só se amoldava a glorificar as vidas desenhadas no quadro da Liberdade, como Nunes Machado, Caneca, Theotonio, e tantos, o que não importava um anti-patriotico exclusivismo.

Differe isto do que se escreveu; e si faço esta rectificação, é que a narrativa da *Provincia* provocou, na mesma folha n. de 16 de Maio, o reparo de um correspondente de Itambé, cuja benevolencia, aliás, de todo o coração agradeço.

Discurso

POR OCCASIÃO DA ULTIMA RECITA

Meus Senhores.—Era um banquete, em honra a Victor Hugo, conta Eugenio Pelletan. A imprensa estrangeira timbrou em figurar pessoalmente: da Inglaterra, da Alemanha, da Suissa, da Hespanha, de toda a parte, corriam os jornalistas para a Belgica. Sem duvida que a imprensa franceza, ainda que fosse apenas por espirito de patriotismo, devia chegar primeiro; e assim tinham formalmente promettido todos os jornaes de Paris, que se pretendiam democraticos: não podiam deixar, diziam elles, de render profunda homenagem ao homem que glorificava a França pelo seu talento, ao homem que falava mais alto na Europa... Chegou o dia: um estava fazendo uma circular, perdeu o expresso; outro foi atacado de nevralgia, e ficou de cama; outro allegou uma viagem imprevista para o norte, e embarcou para o sul; em summa, só um poudé cumprir a promessa. O banquete não perdeu por isto, e a França esteve representada pela imprensa dos departamentos.....

.....

Porque comecei assim, meus senhores? Nem sei... Queria fazer uns descontos, umas regras de proporção... Perdoai-me: torno a começar.

NUNES MACHADO! —Primeiro homem vivo. que admirei nas lides de nossa vida publica! Ultimo symbolo da liberdade pernambucana!

Tinha eu dezeseite annos, quando o cedro tombou... O meu ponto de partida era outro, pelo *acaso do berço*, de que falla Pelletan; mas, apesar de tudo, o coração batia-me, e eu admirava-o, e chorei!... Um dia o menino fez-se homem; e ha quatorze annos estou nas fileiras que foram de Nunes Machado, ha quatorze annos dou testemunho, com toda a voz, da minha admiração pelo grande pernambucano.

NUNES MACHADO! —Não tinha quarenta annos quando morreu, e morreu para sempre grande! Ao principio vacillou, procurou, foi e veio, mas tudo rapido... Chegou do erro á verdade em quatro passadas: fundou o partido da praia e morreu com elle!

Era um homem assignalado na frente!... Veio a tentação, e elle nem dignou-se de responder! Veio a ameaça, e elle abriu um sorriso de soberano desprezo! Veio a morte, e achou-o de frente, cabeça levantada, dextra estendida apontando para o futuro! São sempre assim os apostolos verdadeiramente convencidos, verdadeiramente apostolos: a turba dos phariseus do dia susurra em torno d'elles; depois levantam na praça uma maquina de horror e de vergonha; depois fazem n'um corpo de homem uma certa operação cirurgica, chamada supplicio, e acabam crentes de que o mataram... Insanos! do chão que reflectiu a corda de 1817, onde firmou-se o poste dos fuzilamentos de 1824, sahem sombras que fluctuam eternamente no ar, como estatuas celestes dos martyres! (1) Insanos! a bala, que matou Nunes Machado, ainda vai silvando pelos plainos do futuro!

(1) Accomodei ao assumpto alguns pensamentos de Pelletan.

NUNES MACHADO!—Nunca a mão ousada contra a liberdade de um povo ficou impune: Pitt atirou a luva á revolução franceza, diz um escriptor, e Napoleão sahio do seio da revolução, e levantou essa luva. E' sempre assim...

Atiraram a luva á liberdade no Brazil, e Nunes Machado levantou essa luva... Napoleão morreu captivo em Santa Helena, mas não deixou de ser, a um tempo, Robespierre e Danton e Marat e todos, sob uma apparencia e com uma substancia menos rudes; e sua sombra, e as sombras de todos, ainda pairam sobre a França, ainda arremeçam thronos e situações, até que um dia será o dia definitivo da Liberdade... Nunes Machado tombou, como tombam as grandezas, e uns malditos riram-se, porque ainda tinham medo de um cadaver... mas não deixou de ser, a um tempo, Theotonio e Caneca e Nicoláu e todos; e sua sombra, e as sombras de todos, ainda pairam sobre o nosso Pernambuco, ainda fazem calafrios aos sophistas de todos os generos, até que um dia será tambem para nós o dia definitivo da Liberdade.

NUNES MACHADO!... Mas, até onde ia eu, abusando clamorosamente de tão benevolos ouvidos?...

Minhas Senhoras.—Desenhei *Lucinda* para vós. Mesmo assim de traços incorrectos, os olhos de vossa alma lerão ahí umas balbuciencias do grande coração e da grande alma das antigas pernambucanas. Não creio no futuro de uma sociedade, onde a mulher não é, em tudo, collaboradora do homem...

Mocidade.—Escrevo e fallo sempre, a impulsos da convicção, do amor á Patria e á Liberdade... Escrevo e fallo para vós e para meus filhos, perante vós e perante elles: é quanto basta, para que saibais fazer justiça á sinceridade dos meus commettimentos.

Meus confrades do Club Popular.—Dou-vos o parabem. Hontem, alli na capella de Belém, assentou-se uma pedra, que recordará o primeiro pouso do cadaver do grande cidadão... Levantemos amanhã um tumulo, onde sejam guardados os seus preciosos restos. Quanto antes, pois o nosso crime já está aggravadissimo...! Quanto antes! Não armemos á magnificencia do monumento... No conceito de um homem, que tambem foi grande —só os pequenos homens precisam de altos mausoléos : aos grandes basta uma pedra e um nome !

Pernambucanos.—Eu vi, todos viram : ainda bate-vos o coração, ainda estremeceis, ao nome de Nunes Machado... Dou-vos o parabem, estou recompensado.

Conclui. Desculpai-me todos.

ERRATA

- Pag. 27 linh. 2 — S. — leia-se — *snr.*
Pag. 33 linh. 11 — *vos involver* — leia-se — *o involver.*
Pag. 34 linh. 1 — *quiz-me* — leia-se — *quiz.*
Pag. 38 linh. 9 — *terra* — leia-se — *patria.*
Pag. 49, nota, linh. 3 — *são passados* — leia-se — *são quasi passados.*
Pag. 80 linh. ante-penultima — *eros* — leia-se — *évos.*

Outras incorrecções serão suppridas pela perspicacia dos leitores. Por circumstancias que não poudo dominar, o autor fez sempre uma revisão precipitada, quer do manuscrito, quer das provas typographicas.
